



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCIPLINA DE SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA TCC II
PROFESSOR Dr. MARCELLO FERNANDO BULHÕES MARTINS**

**A QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS
DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**

LEONARDO FERREIRA DA SILVA

**JOÃO PESSOA/PB
2022**

LEONARDO FERREIRA DA SILVA

**A QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS
DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, apresentado a disciplina de Seminário de Monografia II do Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, ministrada pelo Prof. Dr. Marcelo Fernando Bulhões Martins, como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando Bulhões Martins

**JOÃO PESSOA/PB
2022**

Catalogação de Publicação na Fonte. UFPB - Biblioteca Setorial do CCS

S586q Silva, Leonardo Ferreira da.

A questão racial na prática das lutas em atletas
negros de alto nível no Brasil / Leonardo Ferreira da
Silva. - João Pessoa, 2022.

82 f.

Orientação: Marcelo Fernando Bulhões Martins.

TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Esportes de lutas. 2. Alto nível. 3. Racismo. 4.
Cultura. 5. Sociedade. I. Martins, Marcelo Fernando
Bulhões. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 796:323.14(043.2)

LEONARDO FERREIRA DA SILVA

**A QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS
DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**

Aprovado em 21 de dezembro de 2022 pelos membros da banca examinadora composta por:



Prof. Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins
Orientador, Presidente da Banca



Prof. Dr. Fernando José de Paula Cunha
Membro Convidado



Prof. Luciano Klostermann Antunes
Membro indicado pela Disciplina

Aos meus antepassados e a todos aqueles que de
maneira direta ou indireta me fizeram chegar a este
momento.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Itaenne Ferreira da Silva e Aluizio Pereira da Silva, que dedicaram tempo e trabalho para cuidar de mim e me instruir nos primeiros conhecimentos sobre a vida. Aos docentes do curso de educação física que dedicaram seu precioso tempo e trabalho para me instruir sobre o caminho que eu deveria seguir dentro da Universidade e que contribuíram para que eu chegasse aonde estou hoje, em especial meu orientador, Marcello Fernando Bulhões Martins, que sempre acreditou no meu potencial para que eu superasse as minhas limitações e concluísse essa etapa tão importante da minha formação. Aos meus filhos, Lídia Ataíde de Araújo Silva e Daniel Ataíde de Araújo Silva, que mesmo distante de mim me apoiaram, acreditaram que eu chegaria mais longe e me incentivaram muito. Aos companheiros e companheiras do movimento negro, sem vocês eu não teria me encontrado no mundo, ainda persisto nesse caminho. Aos meus colegas de turma que desde o início compartilhamos muitos ideais, até mesmo em momentos difíceis, me alertaram para o que eu teria de fazer para conseguir chegar até aqui. Por fim, a minha companheira de caminhada e parceira de todos os momentos, Elane Patrícia Andrade de Oliveira, obrigado pela paciência e pela bondade com que me acolhe, mesmo quando eu estou errado.

“Modernizar o passado
É uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui
Não preciso delas!
Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos
O medo dá origem ao mal
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
o orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios, os que destroem o poder bravio da humanidade
Viva Zapata!
Viva Sandino!
Viva Zumbi!
Antônio Conselheiro!
Todos os panteras negras
Lampião, sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia”.
(Chico Science)

RESUMO

Este é um estudo de natureza qualitativa, do tipo descritivo com corte temporal transversal e se utiliza da técnica de análise do discurso como forma técnica de abordagem dos dados. O objetivo é analisar as questões raciais na história de vida e no cotidiano de atletas de esportes de luta de alto nível negros brasileiros. Os sujeitos da pesquisa são 4 atletas de nível nacional e/ou internacional das lutas de Judô (CBJ) e Jiu-Jitsu brasileiro (CBJJ), de ambos os sexos, com experiência que varia entre 10 e 22 anos, que participaram das competições mais importantes em nível nacional e/ou internacional. A escolha dos sujeitos foi intencional e não-probabilística. O instrumento de coleta foi uma entrevista com o roteiro semiestruturado. As entrevistas foram realizadas online, virtualmente através da plataforma Google Meet e/ou Whatsapp. Para alcançar os objetivos desse trabalho observamos as seguintes categorias: fatores socioeconômicos e culturais; história de vida; racismo no esporte; grau de conhecimento da participação dos movimentos sociais e dimensão social das lutas; participação e os resultados em competições nacionais e internacionais; a perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais de atletas negros de alto nível nas modalidades mencionadas. Entre os principais resultados, é comum o fato de não terem a prática da modalidade como renda principal. Todos iniciaram seu treinamento em locais próximos de sua residência, no bairro onde moravam. Três dos entrevistados nunca tiveram episódios de racismo nos treinos. Um lembrou que já presenciou, mas eram raras as situações. Dois lembraram ocorrências de racismo na escolha das equipes na forma de tratamento discriminatório por parte de pessoas do local. Todos foram enfáticos sobre a importância dos movimentos sociais para os esportes de lutas. Todos relataram ter o sonho de ser o melhor e chegar em competições de nível internacional para representar o Brasil nesses espaços como sendo a principal motivação para os êxitos que conseguiram. Todos relataram não reconhecer formas diretas de racismo ou discriminação racial por parte dos atletas. Foi comum relatarmos não ter feito registro de ocorrência por questões de injúria racial ou racismo. Falar do negro no mundo dos esportes de alto nível é também falar de uma resistência cultural, uma persistência em não aceitar ser tratado como alguém menor. Ainda assim temos dificuldades de encontrar atletas negros no topo do ranking de alguns esportes. Esse estudo nos fez entender que ainda precisamos nos ocupar mais com pesquisas sociais tanto em Educação Física como também na área de Educação e Saúde. Escutar os sujeitos, compreender suas ontologias, saber mais sobre a cultura em torno dos esportes. Temos de reconhecer, ainda faltam muito para que tenhamos uma verdadeira representatividade entre os atletas nas equipes de lutas do país.

Palavras-chave: Esportes de Lutas, Alto nível, Racismo, Cultura, Sociedade

ABSTRACT

This is a qualitative, descriptive study with a cross-sectional temporal cut and uses the discourse analysis technique as a technical way of approaching the data. The aim is to analyze racial issues in the life history and daily life of high-level Brazilian black athletes. The research subjects are 4 athletes of national and/or international level in Judo (CBJ) and Brazilian Jiu-Jitsu (CBJJ), of both sexes, with experience ranging between 10 and 22 years, who participated in the most important competitions at national and/or international level. The choice of subjects was intentional and non-probabilistic. The collection instrument was an interview with a semi-structured script. The interviews were conducted online, virtually through the Google Meet and/or Whatsapp platform. To achieve the objectives of this work, we observe the following categories: socioeconomic and cultural factors; life's history; racism in sport; degree of knowledge of the participation of social movements and the social dimension of struggles; participation and results in national and international competitions; the personal perspective of the presence of racism in national and international competitions of high-level black athletes in the aforementioned modalities. Among the main results, it is common the fact that they do not have the practice of the modality as their main income. All of them started their training in places close to their homes, in the neighborhood where they lived. Three of the interviewees never had episodes of racism in training. One recalled that he had already witnessed it, but the situations were rare. Two recalled occurrences of racism in the choice of teams in the form of discriminatory treatment by local people. All were emphatic about the importance of social movements for fighting sports. All reported having the dream of being the best and reaching international level competitions to represent Brazil in these spaces as being the main motivation for the successes they achieved. All reported not recognizing direct forms of racism or racial discrimination by athletes. It was common for them to report not having registered an incident due to racial insult or racism. To speak of blacks in the world of high-level sports is also to speak of cultural resistance, a persistence in not accepting being treated as someone lesser. Even so, we have difficulties finding black athletes at the top of the rankings in some sports. This study made us understand that we still need to be more concerned with social research both in Physical Education and also in the area of Education and Health. Listen to the subjects, understand their ontologies, learn more about the culture surrounding sports. We have to recognize that there is still a long way to go before we have true representation among the athletes in the fight teams in the country.

Keywords: Fight Sports, High level, Racism, Culture, Society

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aspectos socioeconômicos e culturais	38
Tabela 2 – Continuação dos aspectos socioeconômicos e culturais	38
Tabela 3: História de vida	40
Tabela 4: Racismo no esporte	45
Tabela 5: Percepção dos movimentos sociais para prática de lutas por pessoas negras	48
Tabela 6: Participação e resultados em competições nacionais e internacionais	52
Tabela 7: A presença do racismo em competições nacionais e internacionais	55
Tabela 8: Categorias de análise e códigos de recorrência	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVO GERAL	14
2.1 Objetivos Específicos	14
3 MARCO TEÓRICO	15
3.1 Escravidão e racismo no mundo	15
3.2 Racismo e suas definições	16
3.2 Darwinismo social e eugenia	18
3.3 Racismo no Brasil	20
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
4.1 Caracterização da pesquisa	28
4.1.1 Natureza qualitativa	28
4.1.2 Tipologia descritiva	29
4.1.3 Corte Temporal	29
4.1.4 Técnica de Análise dos dados	30
4.2 Universo e Sujeitos da Pesquisa	30
4.3 Critérios de Inclusão	31
4.4 Critérios de Exclusão	31
4.5 Instrumentos da Pesquisa	31
4.6 Procedimentos da pesquisa	33
4.7 Design de Análise com categorias e variáveis	33
4.8 Questões Éticas	35
4.9 Segurança na pesquisa	36
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
5.1 Categoria Fatores Socioeconômicos e Culturais	38
5.2 Categoria História de vida	39
5.3 Categoria Racismo no Esporte	44
5.4 Conhecimento da participação dos movimentos sociais	47
5.5 Participação e os resultados em competições nacionais e internacionais	51
5.6 Perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais	54
5.7 Análise e interpretação dos dados	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
7 REFERÊNCIAS	63
8 APÊNDICES	66
9 ANEXOS	73

1 INTRODUÇÃO

Acreditamos que não existe coincidências e sim justificativas. De acordo com Abdias Nascimento (1998), o racismo brasileiro conseguiu de forma perversa tornar invisível e inaudível uma população de cerca de 110 milhões de pessoas é um fenômeno notável no mundo contemporâneo. Neste contexto, apesar de termos uma das constituições mais modernas no mundo ainda assim, segundo o Atlas da violência (IPEA, 2020) a cada 100 pessoas que morrem de forma violenta 77 delas são negras.

Os interesses do povo negro desse país foram historicamente deixados de lado. Desde o apagamento da história e da memória de onde vieram os africanos que aqui chegaram trazidos de além do Atlântico com a queima de todos os registros que comprovavam a origem de todos os negros escravizados. Em 1892, Rui Barbosa (1849-1923), mandou queimar os registros de origem das pessoas negras vindas da África para se livrar de pedidos de indenização, pela proibição da escravidão no país, até as políticas de extermínio da população negra através da negação de direitos e do abandono social contemporâneo. Isto também se trata de marcas do racismo estrutural em nossa sociedade.

Observamos que a luta pela liberdade foi constante em toda a história da população negra deste país (Moura, 1969). É possível analisar isso nas revoltas que ocorreram ainda no período colonial, e também, no período do Império. Mas as elites econômicas falseavam a história contando o que ocorreu visto pelos donos de terras e proprietários de grandes negócios. Na visão de Moura (1969), a pior coisa que poderia acontecer com os negros brasileiros foi a invisibilidade de sua existência como sujeito de direitos. Pensar o Brasil sem observar a questão racial foi um erro histórico.

Segundo Munanga (2003), o processo de inserção do negro no Brasil foi diferente de outros países como os EUA, ou Canadá, onde qualquer um que seja afrodescendente é identificado como negro. Aqui no país, até bem pouco tempo, ser negro era algo que era mal visto em dados estatísticos e culturais. A dificuldade de se assumir negro no país é algo que permeia os indicadores socioeconômicos. É possível ver através dos dados do IBGE (2021) que ainda os negros do país ocupam cargos mal remunerados e de pouco prestígio na sociedade.

Isso pode ser explicado pelo fato de os negros passarem menos tempo de escolaridade e terem de assumir responsabilidades mais cedo que indivíduos não negros em sua maioria.

As características de como se desenvolveu a desigualdade social no país negando oportunidades de trabalho digno remunerado a população negra pós abolição da escravidão ainda é presente em boa parte do país. A questão da discriminação racial é algo que temos de tratar com a sociedade. Ao procurarmos pessoas das equipes de judo e jiu-jitsu brasileiro negras, nos deparamos com uma disparidade muito grande em relação aos dados estatísticos atuais da população de pessoas negras e os praticantes que conseguem chegar nas posições de destaque nas competições nacionais e internacionais.

A motivação para a escolha desse tema foi a busca de conhecimentos que nos ajudassem a compreender o que leva à essa reprodução, traçar estratégias de lidar com isso, estudar o fenômeno social que afeta outras pessoas negras no mundo dos esportes de luta, especificamente as modalidades de alto rendimento Judô e Jiu-jitsu brasileiro. Ao mesmo tempo os casos de injúria racial nessas modalidades esportivas que chamaram a atenção. É possível que haja casos de racismo, mesmo em atletas de alto nível, com mais de 10 anos de prática e com resultados significativos em suas respectivas categorias.

Nesta jornada, descobrimos o quanto a questão racial nas competições de lutas de alto nível é um tema pouco desenvolvido e estudado. Pesquisamos nos portais de periódicos da Capes e Google acadêmico, além dos sites de notícias específicos da área de lutas, Tatame, Black Belt, Sherdog e Superlutas, nestas buscas encontramos uma quantidade menor que 10 trabalhos com os descritores utilizados. Para os critérios para a seleção do tema estavam: a afinidade com o tema, a originalidade do assunto, a contribuição para o meio profissional e para os movimentos sociais que necessitam de visibilidade, principalmente os movimentos antirracistas.

Para alcançar os objetivos desse trabalho observamos as seguintes categorias: fatores socioeconômicos e culturais; história de vida; racismo no esporte; o conhecimento da participação dos movimentos sociais e dimensão social das lutas; participação e os resultados em competições nacionais e internacionais; a perspectiva pessoal da presença do racismo em

competições nacionais e internacionais de atletas negros de alto nível nas modalidades mencionadas.

Saber de fatores socioeconômicos e culturais serve para entender de onde vem esses atletas e como a sua condição o influenciou nas suas escolhas dentro das modalidades que eles se desenvolveram e quais as dificuldades, além daqueles impostos pelo esporte, tiveram de enfrentar para chegar aos resultados que alcançaram.

Escutar as histórias de vida nos ajuda a saber onde que dentro do esporte existiram situações de impedimento para o bom desempenho das práticas das modalidades que os atletas percorreram sua trajetória até se tornarem competidores dentro de suas respectivas modalidades.

Identificar com cada atleta onde eles se depararam com casos de racismo e injúria racial nos esportes traz ao nosso conhecimento de que forma esses atletas se sentiram prejudicados, até mesmo, pensaram em desistir por causa das injustiças que aconteceram dentro ou fora das competições.

O Conhecimento da participação dos movimentos sociais serve para determinar se isso é algo relevante para esses atletas. Estarem engajados com causas sociais é algo importante para alcançar um bom desempenho nas competições ou se isso de alguma forma os prejudica.

Os resultados na participação em competições nacionais e internacionais dos atletas em suas respectivas modalidades serviu de critério para inclusão na pesquisa. Analisamos os atletas com os três melhores resultados em cada modalidade dentro de sua categoria de idade e peso conforme as regras de cada competição nacional e internacional nas Federações e Confederações nacionais e internacionais. Pesquisamos as regras das principais competições das Federações e Confederações com o maior número de praticantes cadastrados para encontrar os sujeitos sociais da nossa pesquisa, atletas negros de 18 anos até 40 anos, com tempo de prática igual ou superior a 10 anos, brasileiros natos ou naturalizados que participaram das principais competições de nível nacional ou internacional.

Para determinar a influência do racismo dentro de competições, procuramos saber qual a perspectiva pessoal desses atletas em relação a presença do racismo dentro de cada modalidade.

Baseado nas experiências que esses atletas tiveram durante o tempo como praticante de esportes de lutas, na atuação em competições de nível nacional e internacional, em sua atuação nas lutas contra o racismo, entendemos como problema deste estudo a compreensão de como se estabelecem as questões raciais na história e no cotidiano de atletas brasileiros negros de alto nível no Judô e Jiu-Jitsu brasileiro.

2 OBJETIVO GERAL

Analisar as questões raciais na história de vida e no cotidiano de atletas brasileiros negros de alto nível de lutas no Judô e Jiu-Jitsu brasileiro.

2.1 Objetivos Específicos

- Identificar os aspectos socioeconômicos e culturais dos sujeitos envolvidos na pesquisa;
- Descrever a história de vida dos sujeitos pesquisados com o foco na questão racial;
- Entender como as questões raciais influenciam na rotina dos atletas e em seus resultados em competições nacionais e internacionais;
- Compreender os desafios de ser um praticante de lutas em meio as situações de racismo no esporte e casos de assédio/ injúria racial;
- Avaliar o conhecimento da participação dos movimentos sociais e lutas sociais relacionados à raça em praticantes de lutas no país;

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Escravidão e racismo no mundo

Racismo é o preconceito, discriminação ou antagonismo por parte de um indivíduo, comunidade ou instituição contra uma pessoa ou pessoas pelo fato de pertencer a um determinado grupo racial ou étnico, tipicamente marginalizado ou uma minoria (*Oxford Languages*, 2022).

Segundo Almeida (2018), há grande controvérsia sobre a etimologia do termo raça. O que pode se dizer com segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência distintas de categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade, que remonta aos meados do século XVI.

A categoria *racismo* emerge no mundo a partir do século XVI e XVII quando os europeus já tinham a prática de escravizar os povos da África e do Novo Mundo. Na época utilizaram o racismo como justificativa para a manutenção do sistema colonial, que durou até o final do século XIX (NEABI-UNISINOS, 2013).

Segundo Munanga (2003), etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, *Carl Von Linné* conhecido em português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada.

A doutrina liberal nasceu com um discurso que promete liberdade individual para homens brancos, proprietários de terras (Losurdo, 2017). Daquela época até hoje não mudou nada. Os povos germânicos e anglo-saxões se enquadravam perfeitamente nesse perfil. Todos os outros eram considerados bárbaros ou selvagens. Incluíam os negros, índios americanos e irlandeses. Essas etnias compunham a massa de trabalhadores e escravizados das colônias.

Esses empreendimentos eram financiados com apoio das cortes das monarquias europeias e tinham alguns pensadores, pais do liberalismo como apoiadores do tráfico de escravos como era o caso de Hugo Grotius, John Locke, Adam Smith e Alexis de Tocqueville (Losurdo, 2017).

Como encontramos na obra de Hugo Grotius (1625) que existem aqueles nascidos para a servidão, lançando mão do artifício de Aristóteles, onde ele afirma que as pessoas das colônias holandesas são bestas selvagens (Losurdo, 2017). O filósofo John Locke que era sócio da *Royal African Company*, uma organização que lucrava fazendo tráfico de negros, cita Alexis de Tocqueville:

A raça europeia recebeu do céu ou adquiriu por seus esforços uma tão incontestável superioridade sobre todas as outras raças que compõem a grande família humana, que aquele entre nós que esteja no último nível da escala social, por seus vícios e sua ignorância, será ainda o primeiro entre os selvagens. (p. 242)

A ideologia liberal consiste na hierarquização das classes assim como das raças naturalizando as desigualdades (Losurdo, 2017). Não obstante, o empirista David Hume por exemplo afirmava que existiam motivos para acreditar que os negros seriam por sua própria natureza inferiores aos brancos. O fato é que o liberalismo clássico aprofundou as questões raciais por conta da escravidão (Losurdo, 2017). Disso resultou a desigualdade social que temos na atualidade entre ricos e pobres. Ricos herdeiros dos proprietários brancos livres e pobres descendentes dos negros escravizados que foram inferiorizados e depois entregues à própria sorte para morrer.

3.2 Racismo e suas definições

De acordo com Moura (1983, p. 134),

Foge-se do homem concreto para o homem abstrato imposto pelo colonizador: o branco. Em outras palavras: cria-se uma subjacência racista nessas sociedades. No Brasil o ponto central contra o qual o preconceito - reflexo dessa alienação - se volta é o Negro, o ex-escravo. O preconceito de cor, ou melhor, o racismo eufemístico do brasileiro tem, assim, raízes na forma como ele foi colonizado e posteriormente dominado pelo imperialismo. Não é um fato fortuito, epifenomênico, mas faz parte desta realidade econômica, política, ideológica e cultural.

Segundo Munanga (2003),

Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo para legitimar as exterminações que causaram à humanidade durante a Segunda guerra mundial.

E ainda de acordo com o autor,

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etnosemântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou *raças sociais* que se reproduzem e se mantêm os racismos populares.

Almeida (2018, p. 20), afirma que:

O espírito positivista surgido no século XIX transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas, de tal sorte que de *objeto filosófico*, o homem passou a ser *objeto científico*. A biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes *raças*. Desse modo a pele não-branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de *comportamentos imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem pouca *inteligência*. Por essa razão Arthur de Gobineau recomendou evitar a *mistura de raças*, pois o mestiço tendia a ser o mais degenerado. Esse tipo de pensamento, identificado como racismo científico, obteve enorme repercussão e prestígio nos meios acadêmicos e políticos no século XIX, como demonstraram, além das de Arthur de Gobineau, as obras de Cesare Lombroso, Enrico Ferri e, no Brasil, Silvio Romero e Raimundo Nina Rodrigues.

Munanga (2003), afirma que:

O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

E ainda,

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence.

3.2 Darwinismo social e eugenia

Para Maciel (1999), eugenia é uma palavra que foi difundida pelo cientista Inglês Francis Galton. O *Eu* tem origem no grego, e significa bom, *Genia* quer dizer linhagem. Utilizando os princípios de Charles Darwin em sua obra *A origem das espécies*, de 1859, em que muitos dos adeptos do liberalismo deram uma conotação social para a teoria da evolução das espécies relatada na obra de Darwin. Essa explicação foi utilizada fora do contexto para justificar a superioridade da sociedade britânica de homens brancos e ricos sobre os povos negros tidos como inferiores, pouco desenvolvidos e selvagens. Isso deu origem ao darwinismo social. Por essa tese, os mais aptos, os superiores vencem e os menos aptos, inferiores estavam fadados a desaparecer.

Segundo Domingues (2015), a ideia do melhoramento artificial das raças era algo possível de ser realizado. Em 1883, baseado na obra de Darwin, propôs a seleção e melhoramento através de casamentos entre pessoas brancas apenas. Naquele momento se entendia muito pouco sobre a genética. Isso explica o motivo dos cientistas elogiarem muito a eugenia.

De acordo com Maciel (1999), as ideias de eugenia foram transformadas por médicos e cientistas da época em políticas de estado em vários países. Na Alemanha dos anos 1930, a cúpula do partido nazista era formada por pessoas adeptas dessas ideias. Na Itália Fascista de Mussolini dos anos 1930, no governo havia gente que acreditava nessas ideias. Não foi diferente na Espanha, Portugal, Holanda e Áustria.

Ainda de acordo com Domingues (2015), O Darwinismo social, eugenia e racismo científico também foi responsável pelo genocídio dos povos nativos que resistiram à escravização na Namíbia, colônia alemã na África. Em 1904, quando o povo se rebelou contra a brutalidade dos colonizadores a represália dos alemães que aprisionaram e escravizaram os *hereros* e *namas* em campos de concentração resultou em cerca de 3.500 mortos. Entre 1904 e 1907, o massacre acabou com 80% da população. Além disso foi promovida as práticas de tortura e abuso sexual contra as mulheres.

De acordo com Domingues (2015), as teorias raciais também serviram nas antigas colônias do Império Britânico. A Durante a Grande Fome da Índia que teve como causa inicial o fenômeno climático conhecido hoje como *El Niño*, por dois anos (1876 e 1878) as chuvas não

vieram e a seca destruiu as plantações. O vice-rei da Índia, Lord Lytton, se preocupava em fazer uma grande festa de coroação da rainha Vitória como Imperatriz da Índia. Enquanto isso milhões de pessoas passavam fome. De maneira nenhuma as autoridades britânicas se importaram com isso. Estavam convictos de que parte da *seleção natural*. A justificativa veio com os argumentos do darwinismo social. O vice-rei introduziu o sistema de campos de trabalho forçado, que levaria a população rural a consumir todas as reservas matando de fome cerca de 8 milhões de camponeses indianos.

Ainda de acordo com Domingues (2015), em 1910, Charles Davenport conseguiu financiamento para criar o Escritório de Registros de Eugenia (*Eugenics Record Office*). Nos Estados Unidos a eugenia ganhou força no início do século XX. Nos anos 1930 leis de esterilização foram aprovadas em 23 estados. Casamentos interracialis foram proibidos em 27 estados. O movimento eugenista era taxativo com relação as características morais dos negros e emigrantes vindos do sul da Europa. Era bastante comum atribuir comportamentos socialmente indesejados aos negros e mestiços. Mesmo depois de muitos anos do fim da escravidão até o final dos anos de 1960 existiam leis de segregação de espaços para negros e brancos. Como os negros não podiam se apresentar em casas de shows onde haviam brancos então pessoas brancas maquiadas como negros (*black face*) faziam apresentações de comédia evidenciando as características dos negros como feias ou jocosas.

Segundo Maciel (1999), sob as ordens do governo nazista, Eugen Fischer, foi autorizado a esterilizar afro-alemães. A Alemanha nazista foi um dos piores exemplos de onde se difundiram os mitos do racismo científico e da eugenia. Os afrodescendentes das colônias alemãs na África foram esterilizados para que não pudessem se reproduzir indivíduos mestiços. Quando teve início a segunda guerra o governo nazista substituiu a esterilização pelo extermínio daqueles indesejados para manter a pureza da raça ariana.

Segundo Maciel (1999), no Brasil até meados de 1960 haviam pessoas que acreditam nas ideias de melhoramento racial. Inclusive muitos deles bem conhecidos como Rui Barbosa, Monteiro Lobato, Raimundo Nina Rodrigues, Roquete Pinto, Arthur Neiva, João Batista de Lacerda entre outros. Existiam clubes e concursos de eugenia espalhados pelo país.

E ainda de acordo com Maciel (1999), a ideia de promover o embranquecimento da população através dos casamentos de emigrantes europeus com as mulheres negras que com o passar dos anos só existiriam pessoas brancas. Uma imagem da época é a pintura *Redenção de Cam* (1895) de Modesto Brocas y Gómez (1852-1936).

3.3 Racismo no Brasil

De acordo com Gilberto Maringoni (2011), o Morro da Favela (atual Providência), em 1927. Após a Lei Áurea, os negros libertos foram buscar moradia em regiões precárias e afastadas dos bairros centrais das cidades. Uma grande reforma urbana no Rio de Janeiro, em 1904, expulsou as populações pobres para os morros. É impossível não associar esse fato ao racismo.

Para Neusa Santos (1983), ser negro no Brasil é conviver com várias violências ao longo da construção de sua história. Para se tornar uma pessoa o negro tem de ter uma ascensão social. Ela afirma que para exercer sua autonomia é necessário ter um discurso sobre si mesmo. Isso só vai acontecer quando ele escuta a sua própria voz, isso só se dá após um longo período de silenciamento e apagamento da história e da cultura negra no país. Sendo assim, escutar as histórias e memórias de pessoas negras é essencial para elucidar questões relacionadas ao racismo no Brasil.

Segundo Santos (2019), no final do século XIX o Brasil era um país com aproximadamente 17 milhões de habitantes, que havia mais da metade da população formada por ex-escravizados. As ideias eugenistas explicavam porque mesmo depois da proclamação da república o país não havia se desenvolvido como os EUA ou outras colônias que se tornaram independentes. As raças degeneradas ou impuras como eram conhecidas a população afro-indígena presente no Brasil não permitia a evolução prometida com a república. Por isso a criação de leis e as políticas de melhoramento racial excluía os negros e índios de serem proprietários de terras e de se casar com qualquer pessoa.

Boa parte das pessoas ilustres que hoje estão em nomes de ruas, avenidas e monumentos espalhados pelo país foram conhecidos eugenistas. O ideal dessas pessoas era uma sociedade idealizada. Com menos semitas, menos negros, menos ciganos e menos índios. A sociedade brasileira para dar certo precisava ser composta por brancos de traços europeus. Para isso o

governo começou a realizar medições e pesquisas no campo da saúde para determinar o ideal para uma sociedade brasileira.

A criação de um elemento étnico racial nacional por muitos anos foi pretendida sem sucesso. O estereotipo inalcançável do brasileiro como uma raça pura foi criado a partir dessa ideologia de branqueamento. Empurrando todos que não tinha a aparência perfeita para a marginalidade e para as periferias das cidades que já começavam a ficar populosas pela vinda de emigrantes europeus que chegavam de todos os locais para fixarem sua residência no país.

Segundo Santos (2019), com o tempo as ideias de seleção artificial alimentadas por João Batista de Lacerda foram sendo abandonadas e a eugenia seria tratada como uma prioridade dos governos do Brasil de outra forma. Até porque a miscigenação não pendia para nenhuma das raças.

Segundo Gustavo da Silva Kern (2014), Silvio Romero, no final do século XIX, influenciou a política com a solução para o problema da mestiçagem, deixar que os negros morressem. Ele encarava como benéfica a mortalidade da população negra e indígena no país.

E ainda, de acordo Kern (2014), com a imigração europeia e o desaparecimento dos índios e dos negros seria algo bom para o melhoramento racial. No seu entendimento o puro e belo teria seu lugar garantido na hegemonia como no continente europeu. Ele na verdade se guiava pelos números. Em 1908, a mortalidade entre as pessoas negras chegava a ser maior que o dobro entre pessoas não negras. Era de 25 pessoas a cada mil entre os brancos enquanto entre os negros era de 67 a cada mil habitantes.

Outra personalidade que defendia a eugenia era o jornalista e escritor Euclides da Cunha, membro da Academia Brasileira de Letras, em Os Sertões (1902), ele defende que a mestiçagem, degeneração e criminalidade. Em uma explicação bem determinista para o elemento étnico racial que sempre foi visto como selvagem, sem cultura, incapaz de aprender e ser educado.

Para Santos (2019), foram nas faculdades de medicina e psiquiatria onde se convencionou a associação da raça ao perfil de criminoso. De acordo com Nina Rodrigues

(1932), foram utilizadas teorias racistas de Cesare Lombroso, criador da expressão *Criminoso Nato*, formula como identificar traços característicos de um criminoso com base em sua aparência física. Ele propõe punições mais duras para os africanos e seus descendentes com base em sua descrição de como o mestiço e o negro são *naturalmente delinquentes*. Em seus estudos sobre os africanos ele conclui que o atraso é relacionado pelo subdesenvolvimento filogenético da humanidade. É assombroso acreditar que esse sujeito foi um dos primeiros estudiosos das culturas e etnias originárias da África no Brasil.

Segundo Alves (2006), na Bahia Nina Rodrigues fazia seu higienismo, no Rio de Janeiro, Miguel Couto, médico diplomado pela Academia Imperial de Medicina, em 1883, presidiu a Academia Nacional de Medicina entre 1914 e 1934. Tanto Nina Rodrigues como Miguel Couto fizeram um esforço para difundir as ideias de eugenia no Brasil com a criação de associações que promoviam entre outras ações estudos e pesquisas que envolviam até concursos de melhoramento racial. Eram os clubes de eugenia.

De acordo com Alves (2006), em São Paulo o médico Renato Ferraz Kehl, organizou uma reunião para discutir eugenia. Entre outros temas havia o casamento consanguíneo de pessoas brancas ricas para estimular a criação de uma raça superior. Dessas discussões surgiu a Sociedade Eugênica de São Paulo. Entre alguns membros ilustres estavam: Arnaldo Vieira de Carvalho (Fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo), Vital Brazil (Fundador do Instituto Butantan) Arthur Neiva (Sanitarista), Franco da Rocha (Psiquiatra), Monteiro Lobato (Escritor conhecido pelo Sítio do Pica-Pau Amarelo) patrocinador das primeiras publicações eugenistas.

De acordo com Santos (2019), a eugenia não tinha um limite para a busca de motivos para a eliminação do elemento não pertencente a raça superior. Existiu até a criação de leis que dificultavam a imigração de asiáticos e de negros para o Brasil. Em 1926, o deputado Alfredo Elias Junior colocou esse projeto em votação. O primeiro congresso brasileiro de eugenia aconteceu no Rio de Janeiro em 1929, presidido por Edgard Roquete Pinto (Responsável pela inauguração das transmissões de rádio no Brasil). Entre os temas abordados no congresso estava um específico, porque não ter um relacionamento com pessoas de raças e classes sociais diferentes. Novamente as justificativas racistas de Galton ressurgem mesmo muito tempo. Evitar a degeneração e melhorar a raça branca.

Segundo Santos (2019), foi durante a ditadura do estado novo de Getúlio Vargas o que era apenas um projeto de lei é oficializado com Decreto nº 7.967 de 1945. Durante a ascensão do nazifascismo europeu o país começou a ter relações estreitas com políticos e empresários alemães e italianos. A determinação que dificultava a imigração de amarelos e negros e que incentivava a imigração dos europeus era apenas mais um sinal disso. Concursos de beleza eugênica eram bastante comuns nesse período.

Para Santos (2019), depois do trauma do holocausto a eugenia perdeu força no mundo. Assuntos como melhoramento racial perderam espaço nas ciências depois da segunda guerra. Mas ainda há espaço em algumas pessoas pouco instruídas que ainda conseguem mencionar alguma coisa sobre branqueamento da raça. Pessoas que vislumbram um futuro como eram as coisas no passado, como se fosse algo benéfico a política de extermínio adotada pelo governo até meados dos anos 1960.

Com a ruptura com a democracia, durante os anos de 1964 a 1985 o país teve um período de militarização das instituições e sendo instaurado um regime de exceção de direitos. Nesse contexto de autoritarismo e perda de direitos denunciar casos de racismo era impraticável. Em 1978, um grupo de militantes por direitos civis inspirados pelo partido dos Panteras Negras cria o Movimento Negro Unificado (MNU) em São Paulo.

O MNU com a bandeira de igualdade racial, em plena ditadura, denuncia o racismo das forças de repressão, pede mais direitos e o fim da ditadura. O mundo passava por mudanças importantes em sua geopolítica. O contexto da guerra fria estimulava a polarização das ideologias racistas e antirracistas. Um dos participantes do MNU foi o Deputado Federal Abdias Nascimento, autor de *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de racismo mascarado* (1983). Ele afirma que o negro brasileiro, após a abolição da escravatura foi largado à própria sorte para morrer, sem ajuda, sem emprego remunerado, sem moradias dignas, sem direito a uma educação que lhe permitisse a ascensão social, silenciado e violentamente subjugado pelas forças policiais. Ele também denuncia o que era a política de Estado no Brasil, o extermínio da população negra no Brasil em 100 anos. Dessa forma, em 2012 o Brasil seria um país só de pessoas brancas.

Segundo Rossi (2018), o Brasil foi o destino de 4,9 milhões de negros escravizados trazidos do continente africano. A contribuição dos negros na linguagem e na cultura foi muito maior do que simplesmente ter servido de mão de obra para as propriedades rurais. O passado colonial do Brasil ainda é muito presente nas relações sociais da contemporaneidade.

A forma de como o negro é visto no país mesmo após 134 anos da abolição da escravidão ainda resulta na criminalização da cor e a exclusão social da classe menos favorecida pelo sistema capitalista. Isso força os negros aprender formas de como se defender dessa opressão. O que esse racismo fez, e ainda faz, é tornar o país subdesenvolvido economicamente por causa de uma política de manutenção de privilégios.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. Em um país onde a maioria das pessoas se declaram pretos ou pardos e essas pessoas fazem parte da mais parcela da população pobre, que tem problemas com a justiça, que são empurrados para a informalidade, em empregos sem garantias, sem regulamentação. Isso faz com que se perpetue um abismo social enorme entre pessoas ricas e pobres.

A redemocratização ficou marcada com a constituição de 1988, onde foram garantidos por lei direitos iguais para negros e não negros no artigo 5.º. Em 5 de janeiro de 1989 é aprovada a lei 7.716/1989 que tipifica o crime de racismo. Em 2003, com uma gestão mais voltada para os anseios da população negra. A aprovação da Lei 10.639/2003, trouxe a possibilidade de resgate da história e da cultura africana e afro-brasileira no conteúdo da educação básica. Em 2008, a Lei 11.645/2008, complementa com a inclusão da história e cultura dos povos originários no currículo da educação básica. A lei 12.288/2010, aprovada em 2010, cria a estatuto nacional de igualdade racial, o que coloca em pauta o que foi ajustado na conferência de Durban, na África do Sul. Em 2012, foi aprovado a Lei 12.290/2012 que criam reservas para pretos e pardos com o objetivo de reparar a exclusão que foi feita no passado.

Esses esforços durante os governos progressistas criaram políticas públicas que ajudaram a aumentar a participação da população negra. As consequências dessas políticas de inclusão foi o aumento das pessoas que se declaram pretas e pardas no Brasil, o aumento da

participação de pessoas pretas e pardas em espaços que antes eram exclusivos para pessoas não negras, o aumento da permanência da juventude em idade escolar, o aumento de jovens negros e de baixa renda em universidades públicas e a inclusão de uma relevante parcela de pessoas pretas e pardas em empregos com carteira assinada, em atividades formais.

O que houve com essa população durante esses anos deve ser reconhecido como um tempo de investimentos sociais que retiraram a população preta, pobre e periférica da exclusão e diminui a desigualdade social que era muito grave no país.

Para Ghiraldelli Júnior (2019), nos últimos anos temos visto um movimento revisionismo histórico que retoma uma narrativa de que no Brasil teria uma revolução cultural comunista acontecendo devido as pessoas que antes eram ignoradas de forma categórica começarem a participar da política nacional e das decisões importantes sobre os rumos que o país deve seguir. Isso significa que os professores não podem ensinar o que ensinam comumente em História, Geografia, em Sociologia e Filosofia. Tudo é visto como *doutrinação marxista*.

Desde 2016 as políticas públicas de inclusão social estão sendo desmontadas. O que garantia uma significativa ascensão social de grande parcela da população pobre e periférica, por consequência a população de negros e negras. Gradativamente as políticas de austeridade vem tomando conta do debate político nacional. Com isso voltamos ao mapa da fome, decaímos no cenário internacional de 6ª maior economia para 12ª, com a diminuição do sistema de proteção social e com o aumento de pessoas em empregos informais, aumenta a dívida pública, com uma disputa muito grande por recursos públicos.

Na escassez de recursos e sem perspectivas de quando a crise irá passar, no meio da maior crise sanitária dos últimos 100 anos, a população negra e pobre do país sobrevive nas piores condições. Sem emprego formal, busca qualquer atividade geradora de renda, inclusive, a margem da lei. A população de negros e negras no Brasil é a que mais sofre como desemprego, fome, condições de vida e fatores de risco e vulnerabilidade social. Isso também é resultado do racismo brasileiro.

Conforme afirma Almeida (2018), o racismo é o elemento que estrutura a sociedade de classes no capitalismo. Para acabarmos com o racismo teremos de rever toda a estrutura que

torna possível a exploração de uma classe privilegiada sobre aquela que só lhe sobrou a sua força de trabalho para vender. Isso se reproduz em todos os espaços na sociedade. Saber disso é importante para lidar com o problema racial no Brasil. É necessário traçar estratégias para a superação das situações de opressão sobre a égide do capitalismo. É imperativo a adoção de medidas efetivas que sirvam para a mudança do sistema para chegarmos a nos livrar desse problema através de uma perspectiva de emancipação humana.

Durante o tempo em que fomos educados com base em conceitos liberais, não desconfiamos que é ideologia dominante poderia ser tão perniciosa ao ponto de permitir o trabalho escravo para o desenvolvimento de um país. O Brasil colonial se desenvolveu com base no trabalho escravo. A troca do sistema de castas por um sistema de classes baseado no liberalismo não fez com que as relações étnico-raciais fossem revistas na maior parte do país. Durante as primeiras décadas do século 20, até meados dos anos 60, as oportunidades de trabalho eram limitadas para pessoas negras (Fernandes, 2007). Em São Paulo nos anos 1940, os negros já eram maioria da população periférica. Muitos dos negros que se desenvolveram em ambientes urbanos eram adotados por pessoas brancas que tinham um determinado poder aquisitivo. Isso causava a heteronomia dos pretos e pardos.

É importante destacar que as tentativas dos grupos étnico-raciais pretos e pardos de conseguir sua autonomia eram frustradas pelo conservadorismo de determinados setores na sociedade. Como podemos ver no episódio chamado de a Revolta da Chibata, os grupos de militares da Marinha que se revoltaram contra os castigos físicos impostos pelos oficiais aos subalternos, o que lembrava bastante o regime escravocrata. Nos anos 1930, diante de conflitos sociais causados pelas más condições de trabalho e o crescimento descontrolado da população dos centros urbanos, os negros formam um grupo chamado Frente Negra Brasileira. Em 1936, se tornaria um partido, logo depois, será posto na ilegalidade pelo regime do Estado Novo.

Nesse sentido, a questão racial surge muito tempo antes da participação da população negra participar de competições esportivas no país. O problema da integração do negro na sociedade de classes ainda continua mesmo com todos os esforços dos movimentos sociais e organizações não governamentais para mudar a realidade da população preta e periférica. Por

isso é importante compreender o fenômeno e suas causas a partir da análise da história de vida desses sujeitos.

Falar do negro no mundo dos esportes de alto nível é também falar de uma resistência cultural, uma persistência em não aceitar ser tratado como alguém menor. Como é o caso de Joe Louis (1914-1981), considerado um dos maiores pugilistas de todos os tempos, manteve o título dos pesos pesados durante doze anos, defendendo-o em 26 lutas. Nos EUA dos anos 1930, enquanto o racismo social, econômico, político e cultural mantinha seu curso na sociedade norte-americana, uma perturbação ocorria no pensamento dominante no sentido de desvalorizar as ideias nacionalistas da exclusão racial e introduzir uma mentalidade democrática cuja referência fundamental era inclusão, a democracia racial. Algo que ainda não aconteceu no Brasil de fato. Ainda temos dificuldades de encontrar atletas negros no topo do ranking de alguns esportes. Nas competições não existem cotas para pessoas negras. Não existem muitas oportunidades para aqueles que não conseguem patrocínio. Temos de reconhecer, ainda faltam muito para que tenhamos uma verdadeira representatividade nas equipes de lutas no país.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo é de natureza qualitativa, do tipo descritivo, com corte temporal transversal e se utiliza da técnica de análise do discurso como forma técnica de abordagem dos dados.

4.1.1 Natureza qualitativa

Para Goldenberg (1997, p. 34),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

De acordo com Deslauriers et al (2008),

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

Segundo Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (p. 14).

4.1.2 Tipologia descritiva

Ocorre quando o objetivo da pesquisa é descrever as características de certa população ou fenômeno e estabelecer relações entre as variáveis, sem a manipulação do pesquisador.

Segundo Gil (2002),

As pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Para Selltitz et al. (1965),

Busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

De acordo com Vergara (2000, p. 47)

A pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. Não têm o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação. Cita como exemplo a pesquisa de opinião.

4.1.3 Corte Temporal

No que se refere à abordagem temporal, este estudo se caracteriza como pesquisa de corte transversal, logo os dados coletados abrangem um momento determinado na história, e não tratam da evolução do fenômeno estudado ao longo do tempo.

Segundo Freire e Pattussi (2018),

Os estudos transversais são bons em geral para levantar questões relacionadas à presença de uma associação em vez de testar uma hipótese. Permitem estimar a prevalência de uma doença e quando analítico pode fornecer uma estimativa da associação entre os indivíduos expostos comparados aos não expostos. Os dados podem ser coletados através de fontes diretas também chamadas de primárias ou a partir de fontes secundárias.

Para Marconi e Lakatos (2005),

No estudo transversal (ou seccional), a pesquisa é realizada em um curto período de tempo, em um determinado momento, ou seja, em um ponto no tempo, tal como agora, hoje.

De acordo com Richardson (1999),

Refere-se aos estudos de corte transversal, em que os dados são coletados em um ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever uma população nesse determinado momento.

4.1.4 Técnica de Análise dos dados

A análise de discurso, por sua vez, apresenta três tradições analíticas indispensáveis (Fairclough, 2016):

- 1) Tradição de análise textual e linguística, com enfoque tanto na forma quanto no significado embutido no texto (foco no texto em termos de vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual);
- 2) Tradição macrosociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais (foco na prática discursiva: envolve processo de produção, distribuição e consumo textual);
- 3) Tradição interpretativa ou microsociológica de considerar a prática social como algo que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados (foco na prática social, considerando as ideologias e hegemonia presente).

A análise do discurso não é uma metodologia, é uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise (Orlandi, 2003). Essa contribuição ocorreu da seguinte forma: da linguística deslocou-se a noção de fala para discurso; do materialismo histórico emergiu a teoria da ideologia; e finalmente da psicanálise veio a noção de inconsciente que a AD trabalha com o de-centramento do sujeito.

Uma grande quantidade das pesquisas sociais se baseia na entrevista. Ainda não é possível determinar uma forma ideal para interpretar esses dados (Bauer, 2005). Acredita-se que não exista uma análise melhor ou pior, é importante para o pesquisador que este conheça as várias formas de análise existentes na pesquisa qualitativa e saiba identificar as suas diferenças. Isso permitirá a escolha mais consciente do referencial teórico-analítico, decorrente do tipo de análise que irá empregar na sua pesquisa. E, dessa forma, fazer sua opção pela análise de discurso ou análise de conteúdo .

4.2 Universo e Sujeitos da Pesquisa

O Universo da pesquisa são atletas de lutas, negros e de alto nível. Os sujeitos deste estudo são 4 atletas de nível nacional e/ou internacional das lutas de Judô Olímpico (FBJ) e Jiu-jitsu (CBJJ), brasileiros/as, de ambos os sexos, com faixa etária entre os 18 e 40 anos, com um mínimo de experiência no esporte de 10 anos que participaram das competições mais

importantes em nível nacional e internacional. A escolha dos sujeitos foi intencional e não-probabilística.

4.3 Critérios de Inclusão

- Concordar com o TCLE;
- Todos pesquisados têm de se identificar preto ou pardo
- Ter no mínimo 10 anos de experiência no esporte;
- Possuir o mínimo de 18 anos e no máximo 40 anos de idade no momento da pesquisa;
- Ter participado de competições nacionais e/ou internacionais;
- Participaram apenas atletas de Judô e Jiu-jitsu brasileiro de nacionalidade ou naturalidade brasileira.

4.4 Critérios de Exclusão

- Desistência ou impossibilidade de responder as questões contidas no roteiro da entrevista

4.5 Instrumentos da Pesquisa

O instrumento utilizado para coletar os dados dos sujeitos dessa pesquisa foi uma entrevista com roteiro semiestruturado. O instrumento foi construído e pré-testado pelos pesquisadores para atender aos objetivos do estudo, sendo este roteiro composto por 32 questões, realizadas de forma online, virtualmente através da plataforma *Google Meet* ou Whatsapp com o auxílio de um Computador Samsung RV411 Intel Pentium P6100 Ubuntu Linux 22.04 4GB 320GB, em áudio.

A entrevista é uma técnica de pesquisa que representa um dos instrumentos básicos para a coleta dos dados. Trata-se de uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado (Marconi e Lakatos, 2005).

O roteiro semiestruturado é um dos mais utilizados na pesquisa qualitativa. Nesse instrumento, o pesquisador pode fazer perguntas de caráter mais genérico e com possibilidade aprofundamento das questões a depender do andamento da pesquisa. Podemos dizer que, as perguntas do roteiro semiestruturado serviu de guia para o pesquisador, o tornando livre para

aprofundar tópicos relacionados às respostas do participante. Cada entrevista levou em torno de 40 minutos.

Ao utilizar esse tipo de roteiro, devemos focar que o objetivo não será a comparação de respostas, mas o aprofundamento do conhecimento. As entrevistas com roteiros semiestruturados serão entrevistas de maior profundidade, podendo gerar uma maior riqueza de detalhes.

Das possíveis formas de realizar a coleta de dados, a entrevista é uma das mais utilizadas quando se trata de pesquisa qualitativa. Pela sua funcionalidade e toda eficiência, essa técnica consiste no contato direto entre o pesquisador e o sujeito que participa como respondente do estudo. Isso torna possível a maior interação sem muitos ruídos.

4.6 Procedimentos da pesquisa

O projeto de pesquisa foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, para a aquisição da autorização a fim de realizar a pesquisa. Logo após a aprovação para a coleta de dados pelo Comitê de Ética, entramos em contato com as pessoas das federações da Paraíba e do Maranhão das modalidades de luta e procuramos saber dos sujeitos que se qualificavam para participar do estudo.

Em seguida, os pesquisadores entraram em contato com os sujeitos que se enquadram nos critérios de inclusão da pesquisa. Esse encontro teve como intenção situar os participantes quanto à realização da pesquisa quanto a sua importância, objetivos e pretensões. Na sequência da explicação ao sujeito escolhido, foi apresentado o (TCLE) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para sua assinatura, documento este exigido pelo Ministério da Saúde, Decreto 466/12, quando se utiliza em pesquisas seres humanos. Após a aceitação e assinatura do TCLE. A coleta dos dados foi realizada de forma individual pelos pesquisadores.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de uma entrevista com o roteiro semiestruturado com os atletas, em ambiente adequado, seguindo os procedimentos de biossegurança durante o primeiro semestre de 2022 ou ainda, por motivos de distanciamento social relacionados com a pandemia de COVID-19, fizemos virtualmente através do *Google Meet / Whatsapp*. Na sequência, as informações coletadas nas entrevistas, foram analisadas sob a Técnica de Análise de Discurso (AD).

4.7 Design de Análise com categorias e variáveis

a) Categoria fatores socioeconômico e culturais

Esta categoria trata de aspectos sociais, econômicos, culturais e religiosos. Os dados desta categoria que foram analisados descrevem o perfil sociodemográfico dos sujeitos desta pesquisa usando as seguintes variáveis: Etnia/ raça/ cor, Sexo, Idade, Renda Familiar, Escolaridade, Local de treino, Profissão, Experiência nas modalidades de lutas, Auxílio e valor do auxílio.

b) Categoria História de vida

Esta categoria trata da construção da subjetividade desses sujeitos pesquisados e como a sua história pessoal pode nos fazer entender as suas experiências dentro do campo esportivo como seres sociais e históricos.

Variáveis: Tempo de treino; onde começou a treinar; Qual (ais) os técnicos/professores/instrutores envolvidos; Condições de treino do início até hoje; histórias familiares de apoio ou não-apoio; Motivações pessoais ocorridas na infância e juventude/agressões; Presença de violência doméstica/escolar/ local de moradia.

- c) *Categoria Racismo no esporte*: esta categoria trata de momentos sentidos, vividos e/ou presenciados por estes atletas investigados que remetem ao racismo na prática de lutas específicas.

Variáveis: ocorrências pessoais de racismo em treinos, percepções de racismo na escolha de equipes para competições nacionais e/ou internacionais; Racismo percebido em decisões de arbitragem em competições; Percepção de racismo intra-equipe,

- d) *Categoria Conhecimento da participação dos movimentos sociais*

Esta categoria trata do papel que os movimentos sociais e iniciativas sem fins lucrativos tem em fomentar a descoberta de novos talentos e no incentivo ao esporte e também a educação de jovens e adultos.

Variáveis: Entendimento da importância da gratuidade dos projetos sociais na inserção da população de pele negra nos esportes de lutas; Percepção da construção de consciência crítica na participação de projetos sociais em sua formação como atleta,

- e) *Categoria participação e os resultados em competições nacionais e internacionais*

Esta categoria trata do posicionamento no Ranking das principais competições de cada modalidade em nível nacional e internacional.

Variáveis: posição no ranking das competições nacionais e internacionais.

f) Categoria *perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais*

Esta categoria trata de como os/as atletas percebem o racismo em práticas de treino e também em competições de nível nacional e internacional.

Variáveis: percepção do racismo; registro de ocorrência.

4.8 Questões Éticas

As Federações e Confederações de lutas foram contatadas, bem como as direções das agremiações das lutas que encontramos na Paraíba e do Maranhão e as informações sobre os sujeitos sociais da pesquisa. Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética do Centro de Ciência da Saúde (CCS/UFPB), sobre forma de projeto, visando estar de acordo com os preceitos éticos e morais vigentes. O encontro teve a intenção situar os participantes quanto à realização da pesquisa: sua importância e pretensões.

Logo após, apresentamos para assinatura o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) em conformidade com o que pede o Ministério da Saúde, Decreto 466/12, para pesquisas com seres humanos, pelos atletas investigados. Em seguida, após a aceitação e assinatura do TCLE, foi feita a coleta dos dados e realizamos as entrevistas com ajuda de um roteiro semiestruturado. A coleta se deu de forma individual pelos pesquisadores.

Este projeto de pesquisa foi submetido via Plataforma Brasil para apreciação bioética do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Os benefícios desse estudo foi de grande utilidade, está relacionado com o maior conhecimento sobre as práticas de discriminação, racismo e injúria racial que podem ocorrer com quaisquer atletas negros brasileiros nas principais competições de judô e jiu-jitsu brasileiro nacionais e internacionais, contribuindo de maneira significativa no enfrentamento ao racismo estrutural e agravado, atraindo um maior número de praticantes negros para as lutas com o objetivo de conseguir uma maior aderência e permanência por parte dos mesmos.

4.9 Segurança na pesquisa

Todos os voluntários foram esclarecidos quanto aos objetivos, riscos, benefícios e procedimentos da pesquisa e só foram considerados participantes da pesquisa após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Sendo garantido aos mesmos o sigilo e confidencialidade das informações individuais e que só dados globais serão divulgados a comunidade acadêmica e demais público, conforme as normas para a realização de Pesquisas com Seres Humanos e atendendo aos critérios da Bioética do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 (BRASIL, 2013).

Os riscos da pesquisa foram minimizados e puderam estar relacionados com possíveis constrangimentos ao responder determinadas perguntas da entrevista. Entretanto, estes riscos foram diminuídos pelo pesquisador durante os procedimentos para coleta de dados através de orientações aos participantes sobre a melhor forma de responder aos instrumentos, além de, reiterar neste momento a garantia ao sigilo e confidencialidade das informações individuais. Quanto à aplicação dos instrumentos, esta foi realizada em ambiente adequado, observando as normas vigentes de biossegurança ou através de um meio eletrônico utilizando a Internet.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na década de 1970, Eni Orlandi contribuiu para instituir a análise do discurso no Brasil. Em seu trabalho, ela considera não somente a forma abstrata ou empírica, mas o que tem desenvolvido como forma material, em consonância com as contribuições do *Materialismo Histórico, da Psicanálise e da Linguística* (ORLANDI, 2003, p. 4).

O discurso por sua vez é uma construção linguística dentro de um contexto social onde o texto é desenvolvido. Em nosso caso, as ideologias presentes nos discursos de pessoas negras praticantes de esportes de luta de alto nível, especificamente as modalidades de judô e jiu-jitsu brasileiro. Sendo análise de discurso uma forma de análise contextual da estrutura discursiva.

Para Foucault (1999), um texto só pode ser assim chamado se o destinatário for capaz de compreender o seu sentido. Chamaremos a atenção para os elementos fundamentais da teoria da comunicação, por Roman Jakobson (2010). São eles: remetente (codificador); mensagem, destinatário (decodificador); contexto (referente); código e contato (canal). Já o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2005), entende que a comunicação é sempre uma interação entre um eu e outro e que, os enunciados são a conexão dessa interação. Para ele, o enunciado é a representação de uma dada realidade, que também retrata a realidade se a ressignifica. Sendo assim a fala tem um contexto mais amplo, para além do seu conteúdo ideológico, tem significado e também sentido.

A compreensão de uma mensagem que um remetente utiliza em uma linguagem tem a possibilidade de ser inacessível ao destinatário. Neste sentido um sujeito que pratica uma luta em alto nível pode produzir um discurso que seria compreendido por alguém que não está inserido no universo das lutas. A análise de discurso proposta por Orlandi, nos faz decodificar o que o sujeito diz através de seu discurso.

5.1 Categoria Fatores Socioeconômicos e Culturais

Através desta categoria procuramos identificar os aspectos socioeconômicos e culturais dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O principal objetivo dessa categoria é compreender as características, problemas, dificuldades, oportunidades, carências e necessidades dos sujeitos. De onde vêm esses atletas e como a sua condição os influenciou nas suas escolhas dentro das suas modalidades.

Tabela 1 – Aspectos socioeconômicos e culturais

Sujeitos	Sexo	Idade	Grau de instrução	Profissão	Renda Familiar/SM
Suj. 1	Masculino	27	Superior completo	Administrador	6,5
Suj. 2	Masculino	26	Superior completo	Professor de Ed. Física / Judô/ <i>Personal</i>	Não informado
Suj. 3	Masculino	28	Superior completo	Professor de Ed. Física / Judô / Kickboxing/ <i>Personal</i>	6,5
Suj. 4	Feminino	21	Superior Incompleto	Estudante de Ed. Física	2

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 1, apresentam-se os aspectos socioeconômicos e culturais dos participantes, que revelam três sujeitos do sexo masculino e um do sexo feminino. São pessoas adultas de 21 a 28 anos de idade, tem o nível superior completo ou superior incompleto e tem renda familiar que varia entre 2 e 6,5 salários-mínimos.

Tabela 2 – Continuação dos aspectos socioeconômicos e culturais

Variáveis	Localização do CT	Modalidade	A Luta como Renda principal	Tempo de Prática (anos)	Tempo na equipe (anos)	Modalidades já praticadas	Recebia auxílio financeiro(R\$)
Suj. 1	São Luís - MA	Judô	Não	22	10	Judô e jiu-jitsu	5.000,00
Suj. 2	Rio de Janeiro - RJ	Judô	Não	20	15	Judô e jiu-jitsu	Não
Suj. 3	São Luís - MA	Judô	Não	18	18	Judô, jiu-jitsu, kickboxing	300,00
Suj. 4	João Pessoa - PB	Jiu-jitsu	Não	10	8	Jiu-Jitsu, Judô e Wrestling	925,00

Fonte: Dados da pesquisa

Os sujeitos se dividem em suas atividades profissionais, não apresentando como trabalho principal apenas a de lutar/competir. A modalidade praticada por 3 dos informantes, é o Judô. A experiência como praticantes de lutas, variou entre 10 e 22 anos. Já o tempo na mesma equipe, sem saídas para outras, estava entre 8 e 15 anos em uma mesma equipe. As modalidades mencionadas foram judô, jiu-jitsu Kickboxing e Wrestling (luta olímpica). Os dados coletados abrangeram as cidades de Rio de Janeiro-RJ, São Luís-MA e João Pessoa-PB. Com respeito a remuneração específica como atleta, estas variaram de R\$ 300,00 a R\$5.000,00.

Mesmo não sendo uma pesquisa aprofundada sobre as características de um grupo social, esse aspecto nos trouxe o conhecimento sobre a realidade social dos nossos informantes. Por se tratar de uma pesquisa multifatorial, a sua realização requer uma equipe de profissionais multidisciplinar com experiência em pesquisas do tipo. Nesse sentido, poderíamos realizar um estudo minucioso baseada apenas nessa análise. Como o nosso objetivo era apenas o de caracterização da nossa amostra, optamos por fazer somente a análise descritiva desses dados.

5.2 Categoria *História de vida*

Segundo Barros (2004), o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Essa categoria trata de dar conhecimento às situações de impedimento para o desempenho das práticas das modalidades que os atletas percorreram em sua trajetória até se tornarem competidores dentro de suas respectivas modalidades.

Optamos por fazer uso da história de vida por ser um procedimento de investigação adotado Ciências Sociais, que consiste em recolher os dados de carácter biográfico, sobre uma ou mais pessoas, sendo que o próprio ou os próprios são a fonte principal da informação. Realizamos uma série de entrevistas, cujo objetivo era reconstituir o percurso biográfico dos sujeitos nos episódios particulares desse mesmo percurso, de acordo com os critérios que preestabelecemos no nosso projeto de pesquisa.

Tabela 3: História de vida

Variáveis	Suj. 1	Suj. 2	Suj. 3	Suj. 4
Tempo de treino(anos)	22	20	18	10
Onde começou	São Luís/MA Prof. Emílio Moreira	São Luís - MA Sensei Enir Lima	<i>Comecei a treinar próximo da minha casa numa academia pequena chamada SHIAI.</i>	<i>Iniciei no Jiu-jitsu no Projeto Lutar e Vencer, no Bairro do Bessa, em João Pessoa - PB</i>
Técnicos/ Professores/ Instrutores	Emílio Moreira, Daniel Moreira, João Moreira, Flávio Canto, Fúlvio Myata	Sensei Enir Lima e Sensei Góes	Sensei Góes	Marcello Viktor - Jiu-jitsu Renato Fonseca - Judô Walter Júnior - Wrestling
Condições de treino	<i>“Excelente”</i>	<i>“Boas, bem normais”</i>	<i>“Os treinos não tinham muita estrutura, academia de bairro, com alunos com potencial, no entanto falta de apoio.”</i>	<i>“Em dois anos o projeto de jiu-jitsu se mudou para uma outra igreja e eu me mudei conheci o instituto Otacílio Gama judô e luta olímpica”</i>
Apoio de parentes/ amigos	Sim	Sim	<i>“Sempre recebi o apoio dos meus pais, mas na parte financeira nem sempre eles podiam. Os eventos eram caros e fora estado, não era muito fácil.”</i>	<i>“Muita gente bem mais experiente também então tinha uma galera mais adulta assim que fez amizade com a gente amigas e que se tornaram amigas depois e muita gente me incentivando”</i>
Motivações pessoais (agressão)	<i>“Em agressão nenhuma”</i>	<i>“Nunca houve agressões”</i>	<i>“Eu como o menino preto, sem muitas condições financeiras e mesmo assim lutando com atletas de alto nível e representando bem meu estado, acho que isso gerava motivação, mesmo sendo muito difícil.”</i>	<i>“Não, o meu início e permanência na luta foram por outros motivos mesmo, mas eu aproveito e treino para me defender também, mesmo nunca ter precisado usar fora do âmbito esportivo”.</i>
Motivações pessoais (incentivos)	<i>“Sonho olímpico”</i>	<i>“A curiosidade mesmo, de querer conhecer”</i>	<i>“Eu sonhava em ser atleta profissional, ser campeão olímpico, isso me motivava”.</i>	<i>“A primeira motivação que eu tive de incentivo que fez eu querer continuar foi o meu pai minha família quando eu vi que era algo assim que era uma oportunidade”</i>
Presenciou violência doméstica/ escolar/ local	Não	Não	<i>“Morei com meus pais e presenciei várias vezes agressões verbais durante as brigas deles”.</i>	<i>“Sim. desde muito nova sei lá com três ou quatro anos eu tenho uma memória bem vaga e desde aí é a mesma memória se repetindo a mesma cena se repetindo até hoje”</i>

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 3, mostra a categoria história de vida dos sujeitos. O tempo de treino mínimo é de 10 anos e o máximo foi de 22 anos. Três pessoas iniciaram seus treinos em São Luís - MA e uma em João Pessoa - PB. Podemos ainda verificar que para duas pessoas as condições de treino eram boas ou excelentes enquanto para as outras duas as condições de treino variavam bastante. Como podemos observar nos depoimentos:

Excelente. (Suj. 1)

Boas, bem normais. (Suj. 2)

E em contraponto ao anterior encontramos os seguintes discursos:

Os treinos não tinham muita estrutura, academia de bairro, com alunos com potencial, no entanto falta de apoio. (Suj. 3)

Em dois anos o projeto de jiu-jitsu se mudou para uma outra igreja e eu me mudei conheci o instituto Otacílio Gama judô e luta olímpica. (Suj. 4)

Outra questão pertinente foi a de falar sobre o incentivo de amigos/ familiares aos treinos. Alguns preferiram apenas relatar que tiveram apoio, já outros descreveram como se deu esse apoio. Como é o caso da fala desses informantes:

Sempre recebi o apoio dos meus pais, mas na parte financeira nem sempre eles podiam. Os eventos eram caros e fora estado, não era muito fácil. (Suj. 3)

Muita gente bem mais experiente também então tinha uma galera mais adulta assim que fez amizade com a gente amigas e que se tornaram amigas depois e muita gente me incentivando (Suj. 4)

Alguns informantes não tinham abertura em falar de momentos sensíveis de sua história. Acreditamos por serem questões que não atravessavam muito o seu percurso de vida. Já outros foram bem incisivos ao falar da questão da busca de um local de treino por causa de agressões no ambiente/ pessoas. Como vemos nos relatos a seguir:

Em agressão nenhuma. (Suj. 1)

Nunca houve agressões (Suj. 2)

Por outro lado, os relatos a seguir são bem intensos:

Eu como o menino preto, sem muitas condições financeiras e mesmo assim lutando com atletas de alto nível e representando bem meu estado, acho que isso gerava motivação, mesmo sendo muito difícil. (Suj. 3)

Não, o meu início e permanência na luta foram por outros motivos mesmo, mas eu aproveito e treino para me defender também, mesmo nunca ter precisado usar fora do âmbito esportivo. (Suj. 4)

Quando a questão foi em relação as motivações pessoais para seguir no esporte os depoentes dizem um pouco mais sobre o que os dava esperanças. Como se demonstra nos relatos:

Sonho olímpico (Suj. 1)

A curiosidade mesmo, de querer conhecer (Suj. 2)

Eu sonhava em ser atleta profissional, ser campeão olímpico, isso me motivava. (Suj. 3)

A primeira motivação que eu tive de incentivo que fez eu querer continuar foi o meu pai minha família quando eu vi que era algo assim que era uma oportunidade (Suj. 4)

Quando perguntamos sobre a questão da violência doméstica/ escolar ou local onde residia então:

Morei com meus pais e presenciei várias vezes agressões verbais durante as brigas deles. (Suj. 3)

Sim. Desde muito nova sei lá com três ou quatro anos eu tenho uma memória bem vaga e desde aí é a mesma memória se repetindo a mesma cena se repetindo até hoje (Suj. 4)

É necessário dar visibilidade as histórias de superação como a do multicampeão Fernando Augusto, mais conhecido pelo apelido de Tererê, um dos competidores de jiu-jitsu brasileiro mais habilidosos e carismáticos que já existiu. Tererê é o nome de um famoso chá brasileiro feito com erva. O apelido foi mencionado pela primeira vez pelo professor Muzio de Angelis na Academia *Strike* onde Fernando Augusto treinava ainda na faixa-azul. Ele gostava de cantar uma música popular que no refrão soava “Terere” e por isso o nome veio. Tornou-se campeão mundial na faixa-preta com 20 anos, foi considerado o melhor peso por peso no início da década de 2000. Sua repercussão no jiu-jitsu moderno é percebido na adaptação de técnicas como a *Toreando*, a *Leg Drag* e muitas outras. É conhecido pelo trabalho de treinador, ajudando a desenvolver o jogo de alguns lutadores como André Galvão, Rubens Charles (Cobrinha), Michael Langhi, Lucas Lepri. Devido ao seu problema com a esquizofrenia em 2005 e ao vício em drogas isso o levou ao seu afastamento dos tatames. Ele retornou para o Jiu-Jitsu em 2010, sua recuperação foi seguida com alguns avanços e retrocessos. Tererê voltou a competir no jiu-jitsu no México em setembro de 2012. Seus resultados em competições foram:

1º Lugar no Mundial IBJJF (2000/2003)

1º Lugar Copa do Mundo CBJJO (2002/2003)

1º Lugar Brasileiro CBJJ (2001/2003)

1º Lugar Pan IBJJF (2004)

2º Lugar no Mundial IBJJF (2001/2004*)

2º Lugar Pan IBJJF (2004***)

2º Lugar no Aberto Europeu da IBJJF (2013)

1º Lugar no Campeonato Mundial IBJJF (1999 marrom, 1998** roxo, 1997 azul)

** 3 categorias acima de seu peso*

*** Peso e absoluto*

**** Absoluto*

Categoria: Peso Medio (82Kg/181lbs)

Reconstituir este momento na vida desses Atletas é necessário para reconhecer que os métodos das Ciências Sociais podem e devem ser mais abordados dentro da área de Educação Física, assim como na Educação propriamente dita. Precisamos produzir mais conhecimento com base nos saberes adquiridos pelas pessoas que se destacaram nos esportes de alto nível. Necessitamos ter uma literatura que nos ajude a refazer os passos daqueles que obtiveram êxito em sua área de atuação. Saber desses desafios pessoais nos ajuda a compreender que nessas competições a concorrência começa muito antes dos eventos esportivos.

5.3 Categoria *Racismo no Esporte*

Através desta categoria pudemos identificar como cada atleta se deparou com casos de racismo e injúria racial nos esportes. Isso também nos trouxe o conhecimento de que maneira os sujeitos que relataram ter presenciado casos de discriminação se sentiram prejudicados, até mesmo, desejaram em desistir por causa da percepção de injustiças que ocorreram em competições ou no entorno das mesmas.

Os casos de violência simbólica presentes em xingamentos e atitudes motivadas pelo preconceito racial, que deveríamos ter superado logo após a abolição da escravidão, mas que ainda é algo presente e que deve ser combatido com veemência. Mesmo o esporte sendo uma porta para a inclusão social, podemos notar o crescimento de denúncias de racismo. Segundo dados do Relatório Anual do Observatório da Discriminação Racial do Futebol de 2021, os incidentes discriminatórios ocorridos no futebol e em outros esportes chegou a 158 (cento e cinquenta e oito), sendo 137 (cento e trinta e sete) ocorridos no Brasil e 21 (vinte e um) com atletas brasileiros no exterior.

Racismo é um ato de violência que coloca um grupo étnico superior a outro pela cor de sua pele. Provocar a desumanização das pessoas e assim sentir-se no direito de agredi-la por não considerar suas crenças e cultura aceitas por um padrão conservador e ignorante... eu vivo o racismo estrutural todos os dias. O RH da empresa que diz que falta profissionais qualificados para preencher as vagas. Nossa formação nunca é o suficiente, nós precisamos ser espetaculares para ocupar o mesmo cargo que uma pessoa não negra ocupa, muitas vezes com uma formação básica e um cabelo liso. A violência policial é a instituição dando seu recado, a polícia foi criada para proteger a elite não para proteger pobre. (Diogo Silva, 2020)

Tabela 4: Racismo no esporte

Variáveis	Suj. 1	Suj. 2	Suj. 3	Suj. 4
Racismo em treinos - O racismo ocorria de que forma?	<i>“Não, nunca tive nenhum caso de racismo contra mim nem presenciei ao meu redor”.</i>	<i>“Eu não me recordo até porque o judô sempre trabalha o respeito e a disciplina. Mas acredito que sim, mas não foi algo que me marcou. Houve outros casos de racismo na escola na rua, mas não no judô”.</i>	<i>“Nos treinos nunca tive ocorrência de racismo”.</i>	<i>“Eu nunca sofri, mas já presenciei em treinos, especificamente entre adolescentes, e ocorreu de forma verbal, com palavras racistas, em jogos, atividades de treino, ou até mesmo em momentos de rivalidade entre grupinhos ou atletas. A frequência que notei foi raramente, pois os professores sempre tocavam nesse ponto para que não houvesse”.</i>
Racismo na escolha de equipes - Essa prática dava-se de que forma?	<i>“Não, porque a modalidade leva a questão do respeito ao próximo muito a sério. É uma filosofia que vem do Japão e o judoca ele aprende que respeitar e reverenciar o próximo faz parte da modalidade e também da filosofia de vida. A primeira coisa que fazemos antes de iniciar uma luta é cumprimentar o seu adversário por tá ali. Então a questão de respeito no judô e jiu-jitsu são levadas bem a sério”.</i>		<i>“Fui viajar para Curitiba no Paraná e aí eu tinha 14 anos nessa viagem eu estava num hotel e eu fui comprar essas besteiras de criança assim barra de chocolate numa farmácia que um amigo havia me pedido e eu cheguei nessa farmácia o rapaz lá chegou e disse está fechada eu inocentemente voltei para o hotel ... está fechada. aí esse meu amigo branco falou: a farmácia é 24h aí foi lá e comprou as coisas. Eu me senti muito mal na época muito mal mesmo porque eu nunca tinha passado por uma situação assim parecida, né eu estava novo ainda só depois que vão acontecer várias outras situações”.</i>	<i>“Sim. Já vi situações de que os atletas brancos, de classe média alta e residentes do sudeste sul, eram escolhidos para terem uma competição custeada, enquanto os negros (me corrija se eu estiver errada) e mais humildes do norte nordeste eram deixados de lado”.</i>
Racismo em decisões da arbitragem - De que maneira	<i>“Não, O judô sempre foi algo muito justo. Acredito que isso nunca tenha acontecido pelo menos eu não percebi isso”.</i>		<i>“Não me recordo de nenhuma situação com a arbitragem”.</i>	<i>“não estou recordando em momentos de arbitragem”</i>
Racismo intra-equipe - Como se dava essas práticas	<i>“Não. O que eu vejo é que aqui tem uma união. No judô todos querem crescer o judô do Maranhão”.</i>		<i>“Nem me recordo de nenhuma situação com as equipes eu já presenciei problemas em relação a torcida, né... a torcida já teve esse problema com o racismo também competindo fora, em São Paulo... em uma luta lá e eu estava vencendo um atleta de São Paulo e a torcida começou a insinuar lá...fazendo gesto de macaco e aquelas coisas, teve até uma paralisação no momento... mas também isso não adianta de nada eu me senti mal do mesmo jeito”.</i>	<i>“sim, nos treinos... eu notei que geralmente são do sexo masculino tanto a vítima quanto o agressor, mas já vi poucos casos com a vítima sendo do sexo feminino”</i>

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 4 as falas em relação ao Racismo no esporte, trazem aspectos do racismo em treinos, na escolha das equipes, em decisões da arbitragem e intra-equipes. Cerca de 3 sujeitos

(75%), foram bem seguros ao afirmar que nunca perceberam a presença do racismo no esporte de luta que praticaram e apenas n=1(25%), observou práticas de racismo. Embora em menor ou maior grau de detalhes todos afirmaram que os princípios e valores passados por seus professores/ técnicos/ instrutores foi de ter uma postura respeitosa em relação a todos os participantes e que não se recordavam de ter sofrido racismo ou presenciar situações de racismo em sua prática cotidiana nesse tempo de envolvimento com esportes de luta, especificamente o judô. Um informante falou sobre ter presenciado em treinos mesmo que raramente e na escolha das equipes a discriminação era não só na forma de racismo como também de xenofobia.

Neste sentido os princípios das lutas são parecidos. Os praticantes aprendem a se conhecer e a conhecer os seus limites para poder superá-los. Aprendem técnicas de combate em geral, mas também formas de meditação e autocuidado. São instruídos para não menosprezar os seus oponentes, tratá-los de forma respeitosa. Sendo assim, o que podemos perceber dentro dos esportes de luta é que ocorrem fenômenos sociais que alheios ao ambiente e que muitas vezes são repreendidos pelos professores/ técnicos. Como podemos verificar nas falas a seguir:

Não, nunca tive nenhum caso de racismo contra mim nem presenciei ao meu redor [...] não, porque a modalidade leva a questão do respeito ao próximo muito a sério. É uma filosofia que vem do Japão e o judoca ele aprende que respeitar e reverenciar o próximo faz parte da modalidade e também da filosofia de vida. A primeira coisa que fazemos antes de iniciar uma luta é cumprimentar o seu adversário por tá ali. Então a questão de respeito no judô e jiu-jitsu são levadas bem a sério, (Suj.1)

Eu não me recordo até porque o judô sempre trabalha o respeito e a disciplina. Mas acredito que sim, mas não foi algo que me marcou. Houve outros casos de racismo na escola na rua, mas não no judô, (Suj. 2)

Não, o judô sempre foi algo muito justo. Acredito que isso nunca tenha acontecido pelo menos eu não percebi isso, (Suj.3)

Eu nunca sofri, mas já presenciei em treinos, especificamente entre adolescentes, e ocorreu de forma verbal, com palavras racistas, em jogos, atividades de treino, ou até mesmo em momentos de rivalidade entre grupinhos ou atletas. A frequência que notei foi raramente, pois os professores sempre tocavam nesse ponto para que não houvesse. ... Sim. Já vi situações de que os atletas brancos, de classe média alta e residentes do sudeste sul, eram escolhidos para terem uma competição custeada, enquanto os negros (me corrija se eu estiver errada) e mais humildes do norte nordeste eram deixados de lado. ... sim, nos treinos... eu notei que geralmente são do sexo masculino tanto a vítima quanto o agressor, mas já vi poucos casos com a vítima sendo do sexo feminino, (Suj. 4)

5.4 Conhecimento da participação dos movimentos sociais

Em uma breve busca que fizemos para encontrar a participação dos movimentos sociais, sua formação bem complexa aglutinando um conjunto de entidades, organizações e pessoas que lutaram contra a discriminação causada pelo racismo e por melhoria nas condições de vida para a população negra. Nos esportes de combate, o grau de compreensão dos movimentos sociais dos atletas foi útil para determinar qual a relevância dos projetos sociais para os atletas. Pelo que os atletas negros relataram, estar engajados com causas sociais foi algo muito importante para alcançar um bom desempenho nas lutas, já que para chegar até as competições muitas pessoas não teriam condições nem de arrumar um quimono para treinar.

Nós temos três tipos de atletas, o famoso, o invisível e o sobrevivente. O famoso é submisso ao dinheiro. O objetivo dele é ser famoso e ter dinheiro, ser consciente faz com que ele não alcance seu objetivo. O invisível tenta de toda forma obter algum destaque para ter o mínimo, não sobra energia para protestar. O sobrevivente é a minha classe, você vive em uma montanha russa, entre conquistas e frustrações, estuda para não ser passado pra trás e tenta se engajar politicamente para obter conquistas mínimas como contrato e salário, (Diogo Silva, 2020)

Tabela 5: Percepção dos movimentos sociais para prática de lutas por pessoas negras

	Importância dos projetos sociais	Consciência crítica
Suj. 1	<i>“São de grande importância, tendo oportunidade termos pessoas melhores, excelentes atletas e grandes conquistas”.</i>	<i>“Mais investimento, falta bastante ainda”</i>
Suj. 2	<i>“Acho muito importante os projetos sociais. Em São Luís temos alguns projetos sociais, mas deveríamos ter mais. Porque a luta em si não é um esporte barato. O quimono não é algo barato. E eles não têm a oportunidade de estarem praticando. Quando tem um projeto social é uma porta que está abrindo para eles. E o esporte em si, não só a luta, ele é transformador”.</i>	<i>“O judô, o esporte, ensina além da luta daquele combate. Ensina a sair de momentos de dificuldade, ajuda a não fraquejar, a reverter momentos difíceis. Isso é a vida. Isso é muito importante para crianças carentes. Que muitas vezes não tem o que comer, não tem uma roupa para usar. O esporte ensina isso: a não desistir e estar buscando sempre o melhor. Acho que o esporte, a luta em si, é algo fundamental na vida dessas crianças. Acredito que deveria ter mais projetos sociais. Fora isso, o judô é um esporte caro, o quimono caro, pagar mensalidade é caro. Então grande parte desses praticantes acaba sendo brancos e a gente precisa de mais projetos sociais para inserir esses jovens negros. Oportunizar esses jovens essas crianças através do Esporte. através da luta em si”.</i>
Suj. 3	<i>“É muito importante essa gratuidade em projetos sociais, muito importante mesmo, né. As modalidades de luta de forma geral elas são caras, né... elas exigem dinheiro, as mensalidades não são baratas, os materiais não são baratos, a instrução não é barata, né... assim, a única forma de uma criança, preta, pobre conseguir treinar essas modalidades e mais na frente ser um professor dessa modalidade é justamente através de um projeto social. É importantíssimo e eu vejo que pelo menos aqui na minha cidade em São Luís pouquíssimos projetos, pouquíssimo apoio e tem muitos professores aqui que poderiam estar trabalhando em projetos sociais se o governo trabalhasse em cima disso”.</i>	<i>“Eu não fui um atleta de um projeto social, né... eu não iniciei através de um projeto social, mas participei de vários projetos sociais enquanto atleta treinava em projetos sociais, até para motivar e incentivar a galera que treinava na época... e também participei em outro momento como professor também... participei como professor de um projeto social aqui na cidade e é completamente importante, porque essa galera precisa de um espelho e aí vem um cara como eu, que sou preto, que também praticou lutas desde a infância, que também é pobre, entendeu... que conseguiu aí ... ser faixa preta na modalidade de judô, continuar praticando jiu-jitsu, kickboxing, ter uma formação em educação física, entendeu... viver disso, né... e conseguir viver disso então ter esse exemplo aí é muito bacana pra molecada que tá nos projetos sociais”.</i>
Suj. 4	<i>“Eu entendo que pela população de pele negra ser, em muitos lugares, de comunidades carentes, eles mais do que devem receber essa gratuidade, pois eu acho muito necessário que esse tabu de que “só porque é pobre não tem talento, ou não vai ser ninguém na vida, ou não é inteligente e etc” precisa ser quebrado. Temos muitas provas de que os negros são muito talentosos e dedicados. Nas lutas especialmente existem vários exemplos. Então o que falta realmente é investimento nessa população, é espaço, oportunidade”.</i>	<i>“Bom, eu vejo o esporte como um meio para a formação do cidadão em si. E como um bom cidadão, é de extrema importância a construção da consciência crítica. É como na escola, que somos estimulados a pensar, a se posicionar, a buscar conhecimento... então eu vejo os projetos sociais como uma ferramenta de “substituir” a escola nesse quesito de uma forma mais lúdica e saudável, que são as lutas. E assim fazer com que os atletas possam contribuir mais e mais na sociedade, como cidadão, como humano, como atleta... até porque o alvo dos projetos sociais são pessoas vindas de lugares onde as pessoas não têm muita oportunidade, onde muitas vezes não conseguem ter um bom desempenho escolar, quer seja por motivos familiares ou de locomoção, e de trabalho infantil também, por precisar ajudar em casa”.</i>

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 5, mostra a percepção dos movimentos sociais como responsáveis pela difusão da prática de esportes de luta entre pessoas negras. É compartilhado por todos que a importância que os movimentos sociais têm em serem os promotores da prática de esportes de luta na parte mais carente da população, que coincide com a população negra e periférica do país. E, que é necessária uma maior consciência crítica sobre os movimentos sociais e um maior incentivo por parte do poder público e da população como um todo. Como podemos perceber nas falas:

São de grande importância, tendo oportunidade termos pessoas melhores, excelentes atletas e grandes conquistas[...] mais investimento, falta bastante ainda. (Suj. 1)

Acho muito importante os projetos sociais. Em São Luís temos alguns projetos sociais, mas deveríamos ter mais. Porque a luta em si não é um esporte barato. O quimono não é algo barato. E eles não têm a oportunidade de estarem praticando. Quando tem um projeto social é uma porta que está abrindo para eles. E o esporte em si, não só a luta, ele é transformador. [...]O judô, o esporte, ensina além da luta daquele combate. Ensina a sair de momentos de dificuldade, ajuda a não fraquejar, a reverter momentos difíceis. Isso é a vida. Isso é muito importante para crianças carentes. Que muitas vezes não tem o que comer, não tem uma roupa para usar. O esporte ensina

isso: a não desistir e estar buscando sempre o melhor. Acho que o esporte, a luta em si, é algo fundamental na vida dessas crianças. Acredito que deveria ter mais projetos sociais. Fora isso, o judô é um esporte caro, o quimono caro, pagar mensalidade é caro. Então grande parte desses praticantes acaba sendo brancos e a gente precisa de mais projetos sociais para inserir esses jovens negros. Oportunizar esses jovens essas crianças através do Esporte. Através da luta em si. (Suj. 2)

É muito importante essa gratuidade em projetos sociais, muito importante mesmo, né. As modalidades de luta de forma geral elas são caras, né... elas exigem dinheiro, as mensalidades não são baratas, os materiais não são baratos, a instrução não é barata, né... assim, a única forma de uma criança, preta, pobre conseguir treinar essas modalidades e mais na frente ser um professor dessa modalidade é justamente através de um projeto social. É importantíssimo e eu vejo que pelo menos aqui na minha cidade em São Luís pouquíssimos projetos, pouquíssimo apoio e tem muitos professores aqui que poderiam estar trabalhando em projetos sociais se o governo trabalhasse em cima disso. (Suj. 3)

Eu entendo que pela população de pele negra ser, em muitos lugares, de comunidades carentes, eles mais do que devem receber essa gratuidade, pois eu acho muito necessário que esse tabu de que “só porque é pobre não tem talento, ou não vai ser ninguém na vida, ou não é inteligente e etc.” precisa ser quebrado. Temos muitas provas de que os negros são muito talentosos e dedicados. Nas lutas especialmente existem vários exemplos. Então o que falta realmente é investimento nessa população, é espaço, oportunidade. (Suj. 4)

Apenas saber dos movimentos não é o bastante para dizer que os atletas que se destacaram nos esportes são exemplos de como a atuação desses movimentos estão fazendo alguma diferença na forma com que eles se comportam como agentes de mudanças nas modalidades onde atuam.

Os negros brasileiros estão organizados, Zumbi dos Palmares, Machado de Assis, André Rebouças, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro entre outros, fazem parte dessa organização, a revolução literária, do conhecimento. Não tem como articular politicamente sem financiamento. Mas a sociedade quer nos ver de arma na mão, como guerrilheiros para legitimar o extermínio, (Diogo Silva, 2020)

Quando perguntados sobre a importância de se ter uma consciência crítica sobre o engajamento em causas sociais as respostas foram bem diversificadas.

Mais investimento, falta bastante ainda”, (Suj. 1)

O judô, o esporte, ensina além da luta daquele combate. Ensina a sair de momentos de dificuldade, ajuda a não fraquejar, a reverter momentos difíceis. Isso é a vida. Isso é muito importante para crianças carentes. Que muitas vezes não tem o que comer, não tem uma roupa para usar. O esporte ensina isso: a não desistir e estar buscando sempre o melhor. Acho que o esporte, a luta em si, é algo fundamental na vida dessas crianças. Acredito que deveria ter mais projetos sociais. Fora isso, o judô é um esporte caro, o quimono caro, pagar mensalidade é caro. Então grande parte desses praticantes acaba sendo brancos e a gente precisa de mais projetos sociais para inserir esses

jovens negros. Oportunizar esses jovens essas crianças através do Esporte. Através da luta em si, (Suj. 2)

Eu não fui um atleta de um projeto social, né... eu não iniciei através de em um projeto social, mas participei de vários projetos sociais. Enquanto atleta treinava em projetos sociais, até para motivar e incentivar a galera que treinava na época... e também participei em outro momento como professor também... participei como professor de um projeto social aqui na cidade e é completamente importante, porque essa galera precisa de um espelho e aí vem um cara como eu, que sou preto, que também praticou lutas desde a infância, que também é pobre, entendeu... que conseguiu aí ... ser faixa preta na modalidade de judô, continuar praticando jiu-jitsu, kickboxing, ter uma formação em educação física, entendeu [...] viver disso, né... e conseguir viver disso então ter esse exemplo aí é muito bacana pra molecada que tá nos projetos sociais, (Suj. 3)

Bom, eu vejo o esporte como um meio para a formação do cidadão em si. E como um bom cidadão, é de extrema importância a construção da consciência crítica. É como na escola, que somos estimulados a pensar, a se posicionar, a buscar conhecimento[...] então eu vejo os projetos sociais como uma ferramenta de ‘substituir’ a escola nesse quesito de uma forma mais lúdica e saudável, que são as lutas. E assim fazer com que os atletas possam contribuir mais e mais na sociedade, como cidadão, como humano, como atleta... até porque o alvo dos projetos sociais são pessoas vindas de lugares onde as pessoas não têm muita oportunidade, onde muitas vezes não conseguem ter um bom desempenho escolar, quer seja por motivos familiares ou de locomoção, e de trabalho infantil também, por precisar ajudar em casa, (Suj. 4)

Quando se observa o posicionamento de alguém um pouco mais consciente, isso difere bastante da maioria. Ao ter consciência de que está adentrando em um território ainda inexplorado o sujeito tende a ser cuidadoso em suas palavras e atitudes. Pois ele sabe que qualquer coisa pode ser interpretada como uma falha que o tire da posição alcançada. Neste sentido a fala do Atleta Diogo Silva em entrevista realizada para o periódico *Surto Olímpico* em 2020:

Os jogadores de futebol com mega salários que são afrodescendentes e que poderiam ser como os jogadores da *NBA*, não são, primeiro porque foi ensinado desde sua infância a negar seu cabelo, sua cor e sua origem. São de famílias miscigenadas que não discutem o racismo em casa e dizem como mantra que *somos todos iguais*. Eles só descobrem que isso é mentira quando xingam ele de macaco na arquibancada. Como ele não se vê, não se aceita e não tem embasamento político para dialogar, ele vira alvo fácil de políticos [...] dentro dos clubes e seleções, política é proibido, manifestar-se é proibido, você perde patrocínio, perde titularidade e perde o clube. A educação brasileira é falha e apaga todo ato esportivo de política como a Democracia Corinthiana, a atleta Soraia André do Judô que usou quimono preto para protestar, Aida dos Santos do atletismo que protestava durante a ditadura, entre outros.

Alan do Nascimento, *Finfou* como é conhecido no Jiu-Jitsu, é um campeão do *European Open Jiu-Jitsu* academia Checkmat. Alan Nascimento *Finfou* no Jiu-Jitsu com Fernando Tererê, mas depois que Tererê se mudou do Rio de Janeiro, passou para a equipe de Ricardo Vieira

conquistando a faixa preta. Alan Nascimento *Finfou* faz parte de um grupo casos de sucesso surgidos a partir do projeto social Cantagalo (favela carioca), projeto de Ricardo Vieira, que ele se engajou. O apelido é o nome de uma brincadeira dos Meninos da Favela do Cantagalo, onde Alan Nascimento morava. Quando ele começou a treinar Jiu-Jitsu, ele costumava jogar esse jogo, então seu professor no momento (o conhecido Fernando Tererê) deu a ele o apelido de *Finfou*.

Campeão Mundial da IBJJF (2006 marrom, 2005 roxo)
Campeão Mundial Sem Kimono da IBJJF (Master 1 preto 2016 **)
Campeão da Copa do Mundo CBJJO (2005 azul)
Campeão da Copa do Mundo CBJJE (2008)
Campeão Europeu da IBJJF (2009, 2008, 2007)
Campeão Brasileiro da CBJJ (2007, 2008, 2009)
Campeão da Copa do Brasil CBJJO (2006/2005/2004 faixas roxa e marrom**)
Medalha de Prata Europeia da IBJJF (2012)
Medalha de Bronze Mundial da IBJJF (2009, 2014)
Médio (82 Kg – 180 Lbs) e Meio Pesado (até 88Kg – 194Lbs)
* *peso*
** *peso e absoluto*
*** *Absoluto*

Nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, Diogo Silva aproveitou a oportunidade para fazer um protesto. Depois da luta que disputou a medalha de bronze, quando perdeu, ele ergueu o punho com uma luva preta, assim como foi feito pelos velocistas Tommie Smith e John Carlos na entrega das medalhas dos 200m rasos das Olimpíadas da Cidade do México, 1968. Durante 20 anos como atleta, nunca teve a carteira assinada. Nunca recebeu salário para competir. Ressaltamos que a profissão de atleta olímpico não é regulamentada no Brasil.

5.5 Participação e os resultados em competições nacionais e internacionais

O ápice da carreira de um atleta é quando ele consegue chegar no topo. É quando ele tem o reconhecimento dos seus feitos dentro do esporte. Segundo os próprios atletas, mais difícil que chegar ao topo é se manter nele. Os resultados na participação em competições nacionais e internacionais dos atletas em suas respectivas modalidades serviu de critério para inclusão na pesquisa. Analisamos os atletas que participaram de competições de nível nacional/ internacional em cada modalidade dentro de sua categoria de idade e peso conforme as regras de cada competição nacional e internacional nas federações e confederações nacionais e internacionais.

Tabela 6: Participação e resultados em competições nacionais e internacionais

	Melhor marca no ranking nacional/ internacional	Motivos das conquistas competitivas
Suj. 1	<i>1º. lugar nacional e internacional. Ambos na categoria sub17 e sub 21.</i>	<i>“Vontade de vencer, ser o melhor, o sonho mundial e olímpico. Colocar o BRA no peito. Ouvir teu hino em grandes conquistas”.</i>
Suj. 2	<i>Eu fui terceiro colocado no Campeonato Brasileiro de judô. Fui eleito o melhor atleta na competição da Sarah Menezes em Teresina. Em uma competição de 400 atletas, eu fui eleito o melhor da competição em várias classes. Isso para mim foi muito importante. Não é um título, mas é uma conquista, eu fui um dos condutores da Tocha Olímpica na cidade de São Luís. Fui ganhador de nove títulos estaduais do Estado do Maranhão.</i>	<i>“O motivo foi querer me superar, dar o melhor de mim. Mostrar que eu sou capaz. Me apaixonei, aí não tem muita explicação. A gente se dedica e quer sempre estar melhorando”.</i>
Suj. 3	<i>Particpei de campeonatos brasileiros vários já fui vice-campeão brasileiro, já fui campeão brasileiro, já fui medalhista em jogos escolares, particpei de vários Norte-nordestes, fui campeão norte nordeste quatro vezes, mais de doze vezes campeão estadual, já treinei em grandes clubes, né... como o Minas Tennis Club, por exemplo.</i>	<i>“Com certeza foi a força de vontade, né... porque a dificuldade ela é imensa... muito caro viajar pro sul do país, né ... pro centro-oeste... muito caro e a gente fazia rifa, saía pedindo patrocínio... e mesmo assim não largava de treinar, de acreditar... várias vezes estava super preparado para eventos e não pude viajar por condições, né... falta de condição. Então é assim o atleta nordestino ele vive disso, né... ele vive dessa busca o tempo inteiro, dessa vontade e aí quando a gente chega nesses eventos aí se depara com atletas de alto nível, com equipes multidisciplinar e a gente, né... só na força de vontade e aí a gente consegue lutar de igual pra igual, consegue vencer esses caras e isso motiva ainda mais a gente a conseguir e tentar, né”.</i>
Suj. 4	<i>Ranking nacional 2021 No Jiu-jitsu eu competi até 2016. Tenho dois títulos de Campeonato Brasileiro, ouro em 2013 e bronze em 2015 No Wrestling 1º lugar na categoria júnior (18-20 anos), 3º lugar categoria sênior (21 anos acima oficialmente, mas podendo participar a partir dos 18 anos) 3º lugar no Ranking Internacional escolar 2018 10º no Ranking Internacional 2021 Júnior (ranking pan-americano)</i>	<i>“Em todas as competições eu sempre tive um sonho de representar o meu país lá fora essa era a minha motivação eu sempre fui apaixonada por lutas e sempre via meus ídolos em competições internacionais eu queria estar lá era tipo algo como um sonho pra mim então eu me dedicava nos treinos porque eu queria dizer assim nossa eu consegui e me orgulhar do meu trabalho e tudo mais e também queria conhecer outro país e eu sempre quis muito defender o meu país e levar o nome da Paraíba pra fora e a motivação das pessoas que foram meus treinadores que quando tinha uma oportunidade vai ter uma seletiva pra uma competição internacional então todo mundo apoiava e assim ficava torcendo e ajudava nos treinos e tudo mais então resumindo foi muita dedicação eu via aquela oportunidade e queria agarrar eu queria representar e meus irmãos e professores e o pessoal do treino apoiava pra que eu conseguisse tanto que essas duas competições que eu fui pra fora do Brasil foi de seletivas em que o campeão se classificavam com tudo pago para essas competições e esse ano eu me classifiquei também porém não foi com tudo pago por conta do meu peso”.</i>

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 6 representa a participação e resultados em competições nacionais e internacionais. A melhor marca desses sujeitos em competições nacionais foram o de 1º lugar diferenciando apenas as categorias por peso e idade. Como dizem os informantes:

1º. lugar nacional e internacional. Ambos na categoria sub17 e sub 21, (Suj. 1)

Eu fui terceiro colocado no Campeonato Brasileiro de judô. Fui eleito o melhor atleta na competição da Sarah Menezes em Teresina. Em uma competição de 400 atletas, eu fui eleito o melhor da competição em várias classes. Isso para mim foi muito importante. Não é um título, mas é uma conquista, eu fui um dos condutores da Tocha Olímpica na cidade de São Luís. Fui ganhador de nove títulos estaduais do Estado do Maranhão., (Suj. 2)

Particpei de campeonatos brasileiros vários já fui vice-campeão brasileiro, já fui campeão brasileiro, já fui medalhista em jogos escolares, particpei de vários Norte-nordestes, fui campeão norte nordeste quatro vezes, mais de doze vezes campeão estadual, já treinei em grandes clubes, né [...] como o Minas Tennis Club, por exemplo, (Suj. 3)

Ranking nacional 2021

No Jiu-jitsu eu competi até 2016. Tenho dois títulos de Campeonato Brasileiro, ouro em 2013 e bronze em 2015

No Wrestling

1º lugar na categoria júnior (18-20 anos), 3º lugar categoria sênior (21 anos acima oficialmente, mas podendo participar a partir dos 18 anos)

3º lugar no Ranking Internacional escolar 2018

10º no Ranking Internacional 2021 Júnior (ranking pan-americano) (Suj. 4)

Todos atribuíram os principais motivos das conquistas competitivas as suas motivações intrínsecas. Podemos perceber isso nas falas:

Vontade de vencer, ser o melhor, o sonho mundial e olímpico. Colocar o BRA no peito. Ouvir teu hino em grandes conquistas, (Suj. 1)

O motivo foi querer me superar, dar o melhor de mim. Mostrar que eu sou capaz. Me apaixonei, aí não tem muita explicação. A gente se dedica e quer sempre estar melhorando., (Suj. 2)

Com certeza foi a força de vontade, né... porque a dificuldade ela é imensa... muito caro viajar pro sul do país, né ... pro centro-oeste... muito caro e a gente fazia rifa, saía pedindo patrocínio... e mesmo assim não largava de treinar, de acreditar... várias vezes estava super preparado para eventos e não pude viajar por condições, né... falta de condição. Então é assim o atleta nordestino ele vive disso, né... ele vive dessa busca o tempo inteiro, dessa vontade e aí quando a gente chega nesses eventos aí se depara com atletas de alto nível, com equipes multidisciplinar e a gente, né... só na força de vontade e aí a gente consegue lutar de igual pra igual, consegue vencer esses caras e isso motiva ainda mais a gente a conseguir e tentar, né, (Suj. 3)

Em todas as competições eu sempre tive um sonho de representar o meu país lá fora essa era a minha motivação eu sempre fui apaixonada por lutas e sempre via meus ídolos em competições internacionais eu queria estar lá era tipo algo como um sonho pra mim então eu me dedicava nos treinos porque eu queria dizer assim nossa eu consegui e me orgulhar do meu trabalho e tudo mais e também queria conhecer outro país e eu sempre quis muito defender o meu país e levar o nome da Paraíba pra fora e a motivação das pessoas que foram meus treinadores que quando tinha uma oportunidade vai ter uma seletiva pra uma competição internacional então todo mundo apoiava e assim ficava torcendo e ajudava nos treinos e tudo mais então resumindo foi muita dedicação eu via aquela oportunidade e queria agarrar eu queria representar e meus irmãos e professores e o pessoal do treino apoiava pra que eu conseguisse tanto que essas duas competições que eu fui pra fora do Brasil foi de seletivas em que o campeão se classificavam com tudo pago para essas competições e esse ano eu me classifiquei também porém não foi com tudo pago por conta do meu peso. (Suj. 4)

Todos conhecemos a história de Jesse Owens. Nos jogos olímpicos de Berlim de 1936, na Alemanha comandada pelo partido Nazista, ele ganhou quatro medalhas de ouro e provou a Hitler que nos esportes não existia a tal superioridade da raça ariana que ele defendia em seus discursos sobre eugenia. Um ano antes dessa conquista, ele já havia marcado cinco recordes mundiais. Um feito que só seria superado 75 anos depois. Quando retornou para os EUA ele

foi recepcionado com palmas em Nova York mas foi obrigado a usar o elevador de serviço do hotel Waldorf-Astoria. Naquela época o país tinha leis de segregação que não permitia a ocupação de negros e brancos no mesmo espaço. Inclusive havia ligas esportivas somente para pessoas negras.

5.6 Perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais

Em 1964, nos jogos olímpicos de Tóquio, Aída dos Santos se tornou a primeira mulher brasileira a disputar uma final olímpica. Não tinha técnico, roupa para a cerimônia de abertura ou material para competir nos Jogos. Mesmo assim, conseguiu o quarto lugar em uma final de salto com vara. Durante 32 anos, Aída foi a brasileira com melhor desempenho na história dos Jogos Olímpicos. Sua história segue firme pelo Instituto Aída dos Santos de inclusão social através do esporte. A filha de Aída, Valeskinha foi medalha de ouro no vôlei nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.

Muitas vezes, atletas de modalidades individuais tem dificuldades bem maiores que os de esportes coletivos. O patrocínio é escasso. As condições para treinar muitas vezes não ajudam a obter os resultados esperados. Mas persistimos em alcançar o tão sonhado primeiro lugar em uma competição de alto nível. A influência que teve o racismo nas competições nacionais e internacionais. Procuramos saber na perspectiva pessoal desses atletas tiveram em relação a presença do racismo.

A judoca Rafaela Silva foi a primeira campeã olímpica e mundial do país. Uma Mulher, negra LGBTQIA+ e da periferia. A primeira medalha de ouro do Brasil, nos Jogos Olímpicos do Rio 2016. Vítima de racismo na sua participação na Olimpíada de Londres 2012. Ela foi insultada de forma racista depois de ser desclassificada por um golpe ilegal na luta contra a atleta húngara Hedvig Karakas. Essas já poderia ser uma história superada, mas durante o retorno de uma competição a Rafaela voltava para casa quando o taxi onde estava foi abordada pela polícia e pediram para ela descer do carro. Mais um ato de racismo.

Tabela 7: A presença do racismo em competições nacionais e internacionais

	Percepção do racismo em competições nacionais e internacionais	Registro de ocorrência policial ou órgão de arbitragem por racismo	Recepção da denúncia
Suj. 1	<i>“Nunca presenciei um caso de racismo em qualquer evento que participei ou estive presente”.</i>	Não.	<i>Não fez denúncia</i>
Suj. 2	<i>“Eu vejo mais racismo nas competições por conta da torcida. Eu vejo mais a torcida com arbitragem por negro às vezes marca uma pontuação e a torcida age com racismo. Arbitragem por conta da cor da pele ser tendenciosa, eu nunca presenciei. Mas isso não quer dizer que nunca tenha acontecido.”</i>	Não	<i>Não fez denúncia</i>
Suj. 3	<i>“Já presenciei situações da torcida fazendo gestos, essas coisas. Já presenciei situações ao redor do evento, não diretamente no evento. A gente percebe olhares que são diferentes. Já aconteceu de às vezes eu estar em hotéis que são de luxo e que a gente ficava por ser atleta e ter um tratamento um pouco diferente, enfim, essas coisas elas machucam e incomodam bastante. Mas graças a Deus eu sempre tive uma mente muito blindada, né... pra lutar contra isso, pra deixar minha mente tranquila pra continuar treinando continuar lutando da melhor maneira”.</i>	Não	<i>Não fez denúncia</i>
Suj. 4	<i>“Bom, ano passado fui ao Pan-americano no México. e os EUA é uma das potências em todas as competições internacionais, porém Cuba e Porto Rico batem muito de frente com eles e muitas vezes ganham dos atletas americanos. O que eu percebi foi que quando um atleta perdia pra outro país tipo Chile, Canadá (os brancos) a derrota era mais aceitável do que perder pra Cuba ou Porto Rico que são pessoas negras e são de países subdesenvolvidos, a indignação dos treinadores era imensa. Essas cenas presenciei em categorias de 15-20 anos, nas competições do sênior, que é a categoria de idade olímpica, eu não cheguei a ver. Já vi outras situações de brancos olhando feio para os atletas negros, tanto em competições internacionais ou nacionais... em situações de derrota também. Como já vi professor ou atleta se dirigindo a outro com palavras racistas e dizendo que era brincadeira, ou zombando do cabelo de alguma menina e falando o mesmo, querendo justificar”.</i>	Não	<i>não, nunca fiz.</i>

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 7 mostra a percepção pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais. Todos relataram não ter percebido situações de racismo em competições nacionais e internacionais. Também não registraram ocorrência por decisões da arbitragem por racismo junto aos órgãos deliberativos das respectivas competições que participaram. Mas é alarmante as percepções de racismo fora das competições e por pessoas estranhas às práticas de luta. Vejamos as falas:

Nunca presenciei um caso de racismo em qualquer evento que participei ou estive presente, (Suj. 1)

Eu vejo mais racismo nas competições por conta da torcida. Eu vejo mais a torcida com arbitragem por negro às vezes marca uma pontuação e a torcida age com racismo. Arbitragem por conta da cor da pele ser tendenciosa, eu nunca presenciei. Mas isso não quer dizer que nunca tenha acontecido. (Suj. 2)

Já presenciei situações da torcida fazendo gestos, essas coisas. Já presenciei situações ao redor do evento, não diretamente no evento. A gente percebe olhares que são diferentes. Já aconteceu de às vezes eu estar em hotéis que são de luxo e que a gente ficava por ser atleta e ter um tratamento um pouco diferente, enfim, essas coisas elas machucam e incomodam bastante. Mas graças a Deus eu sempre tive uma mente muito blindada, né[...] pra lutar contra isso, pra deixar minha mente tranquila pra continuar treinando continuar lutando da melhor maneira, (Suj. 3)

Bom, ano passado fui ao Pan-americano no México. e os EUA é uma das potências em todas as competições internacionais, porém Cuba e Porto Rico batem muito de frente com eles e muitas vezes ganham dos atletas americanos. O que eu percebi foi que quando um atleta perdia pra outro país tipo Chile, Canada (os brancos) a derrota era mais aceitável do que perder pra Cuba ou Porto Rico que são pessoas negras e são de países subdesenvolvidos, a indignação dos treinadores era imensa. Essas cenas presenciei em categorias de 15-20 anos, nas competições do sênior, que é a categoria de idade olímpica, eu não cheguei a ver. Já vi outras situações de brancos olhando feio para os atletas negros, tanto em competições internacionais ou nacionais... em situações de derrota também. Como já vi professor ou atleta se dirigindo a outro com palavras racistas e dizendo que era brincadeira, ou zombando do cabelo de alguma menina e falando o mesmo, querendo justificar. (Suj. 4)

Os atletas olímpicos Tommie Smith e John Carlos com os punhos fechados no topo do pódio de 1968, ainda repercutem sobre o assunto protestos nas Olimpíadas. A saudação dos Panteras Negras foi feita pelo norte-americano depois de quebrar o recorde mundial dos 200 metros no atletismo. A atitude ainda chama a atenção por meio dos protestos de atletas pela campanha *Black Lives Matter*. Eles se ajoelham antes de jogos em sinal de combate às mortes pelo racismo.

Servílio de Oliveira é considerado um dos melhores pugilistas brasileiros. Conquistou uma medalha olímpica no boxe – e até 2012, era o único. Muito tempo depois de iniciar uma tradição na modalidade no Brasil, o ex-atleta teve que entrar na justiça em 2021 com uma ação cível contra a Fundação Palmares, que havia retirado seu nome da lista de esportistas homenageados pela entidade.

Alguns atletas que chegaram ao topo nas suas modalidades precisaram se submeter as mais terríveis condições. Chegando aos 24 anos, a ginasta Simone Biles é a atleta mais premiada da história dos EUA. Ela tem o total de 31 medalhas olímpicas e de campeonatos mundiais. Também conseguiu cinco títulos mundiais na categoria individual geral. É a única até esse momento que realizou um *Yurchenko Double Pike*, feito em uma competição oficial. Nos Jogos de Tóquio, ela acabou fazendo história fora das competições deixando de participar das etapas finais para cuidar de sua saúde mental. Rebeca Andrade fez história nos Jogos Olímpicos. Ela

se tornou a primeira mulher brasileira a vencer duas provas na mesma edição graças a desistência de Simone Biles. Como podemos ver não é apenas ser o melhor para ganhar as competições. Se você quer ser o melhor precisa ganhar do melhor.

5.7 Análise e interpretação dos dados

Tabela 8: Categorias de análise e códigos de recorrência

CATEGORIAS	CÓDIGOS DE RECORRÊNCIA
Aspectos socioeconômicos e culturais	Todos os é o fato de não terem a prática da modalidade como renda principal (lutador e profissional de outra área); Suj. 1, Suj. 2 e Suj. 3 iniciaram sua prática na cidade de São Luís – MA (Natural do Nordeste); Todos já praticaram judô e Jiu-jitsu; Mesmo sendo praticantes de modalidades esportivas de combate, Suj. 2 e Suj. 3 seguiram profissões relacionadas às lutas, são professores/ personal, Suj. 1 é Administrador, Suj. 4 é estudante de educação física.
História de vida	Todos os sujeitos iniciaram seu treinamento em escolas próximas de sua residência, no Bairro onde moravam; Suj. 2 e Suj. 3, iniciaram seu treinamento de judô com o <i>Sensei</i> Góes; O apoio dos pais é comum entre todos; As motivações pessoais nunca foram relacionadas a agressões sofridas; Nos incentivos é comum ao Suj. 3 e Suj. 4 que queriam chegar no lugar mais alto no esporte; Suj. 1 e Suj. 2 nunca presenciaram violência doméstica/ escolar/ local; Suj. 3 e suj. 4 já presenciaram violência doméstica/ escolar/ local.
Racismo no esporte	Suj. 1, Suj. 2 e Suj. 3 não tiveram episódios de racismo nos treinos; Suj. 4 lembrou que já presenciou, mas eram raras; Suj. 3 e Suj. 4 lembraram ocorrências de racismo na escolha das equipes na forma de tratamento discriminatório por parte de pessoas do local; Todos disseram não perceber o racismo em decisões da arbitragem; Suj. 1 e Suj. 3 não reconhecem que houve alguma forma de racismo dentro das equipes que já participaram.
Conhecimento da participação dos movimentos sociais	Para todos é muito importante os movimentos sociais para os esportes de lutas; Para Suj. 2, Suj. 3 e Suj. 4, os projetos sociais seriam uma forma de promover o esporte entre as pessoas pretas de periferia devido ao custo para os praticantes serem pouco acessíveis; Para Suj.2 e Suj.3, se reconhecer negro no Brasil traz uma consciência diferente, as crianças precisam de exemplos para seguir; Todos acreditam que precisamos de mais investimentos para esses movimentos sociais.
Participação em resultados das competições nacionais e internacionais	Todos relataram ter o sonho de ser o melhor e chegar em competições de nível internacional para representar o Brasil nesses espaços como sendo a principal motivação para os êxitos que conseguiram.
Perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais	Todos relataram não reconhecer formas diretas de racismo ou discriminação racial por parte dos atletas; Todos já reconheceram práticas de discriminação racial de pessoas da torcida ou pessoas ligadas a organização dos torneios; Suj. 4 reconheceu que atletas de países desenvolvidos ao perderem para atletas de países em desenvolvimento hostilizavam seus oponentes, com o uso de palavras ou gestos. Todos relataram não ter feito registro de ocorrência por questões de injúria racial ou racismo

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 8 é a compilação do que encontramos de recorrência fazendo a análise das declarações dos atletas. Podemos encontrar na categoria Aspectos socioeconômicos e culturais, entre todos Sujeitos é comum o fato de não terem a prática da modalidade como renda principal. Suj. 1, Suj. 2 e Suj. 3 iniciaram sua prática na cidade de São Luís – MA. Todos já praticaram judô e Jiu-jitsu. Suj. 2 e Suj. 3 seguiram profissões relacionadas às lutas, são professores/ personal, Suj. 1 é Administrador, Suj. 4 é estudante de educação física. Em relação a História de vida, os sujeitos iniciaram seu treinamento em escolas próximas de sua residência, no Bairro onde moravam. Suj. 2 e Suj. 3, iniciaram seu treinamento de judô com o Sensei Góes. O apoio dos pais é comum entre todos. As motivações pessoais nunca foram relacionadas com agressões sofridas. Nos incentivos é comum ao Suj. 3 e Suj. 4 que queriam chegar no lugar mais alto no esporte. Suj. 1 e Suj. 2 nunca presenciaram violência doméstica/ escolar/ local. Suj. 3 e suj. 4 já presenciaram violência doméstica/ escolar/ local. Em Racismo no esporte, Suj. 1, Suj. 2 e Suj. 3 não tiveram episódios de racismo nos treinos. Suj. 4 lembrou que já presenciou, mas eram raras. Suj. 3 e Suj. 4 lembraram ocorrências de racismo na escolha das equipes na forma de tratamento discriminatório por parte de pessoas do local. Todos disseram não perceber o racismo em decisões da arbitragem. Suj. 1 e Suj. 3 não reconhecem que houve alguma forma de racismo dentro das equipes que já participaram.

Em se tratando da Participação e resultados em competições nacionais e internacionais, todos relataram ter o sonho de ser o melhor e chegar em competições de nível internacional para representar o brasil nesses espaços como sendo a principal motivação para os êxitos que conseguiram.

Na categoria Perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais, todos relataram não reconhecer formas diretas de racismo ou discriminação racial por parte dos atletas. Todos falaram que reconheceram práticas de discriminação racial de pessoas da torcida ou pessoas ligadas a organização dos torneios. Para Suj. 4, os atletas de países desenvolvidos ao perderem para atletas de países em desenvolvimento hostilizavam seus oponentes, com o uso de palavras ou gestos. Foi comum relatarem não ter feito registro de ocorrência por questões de injúria racial ou racismo.

É preciso ainda rever como está sendo educada a nossa população para entender o porquê de uns terem tanto e outros terem tão pouco. Precisamos revisar na sociedade os princípios e valores que tem nos guiado desde 1889, e, que de tempos em tempos nos faz recair em governos autoritários de viés conservador. A crença de que a história é uma narrativa contada pelos vencedores nos leva a crer que as coisas são de jeito de deveriam ser, não á nada de errado em haver exploradores e explorados. Como também explica Fernandes,

Esbatendo-se a situação do negro e do mulato sobre esse amplo pano de fundo histórico-social, obtém-se uma compreensão relativista e objetiva do drama do negro na cidade. As tendências históricas de diferenciação e de reintegração da ordem social não favoreciam, de per si, nenhum agrupamento étnico ou racial determinado. Todavia isso acabava acontecendo, por vias indiretas. O envolvimento imediato nos processos de crescimento econômico e de desenvolvimento sociocultural dependia de recursos materiais e morais. Ou, em outras palavras, de recursos econômicos, de meios técnicos e organizatórios; em suma, de aptidões para responder efetivamente às exigências da situação histórico-social. Como ex-agentes do trabalho escravo e do tipo de trabalho manual livre que se praticava na sociedade de castas, o negro e o mulato ingressaram nesse processo com desvantagens insuperáveis. As consequências sociopáticas da desorganização social imperante no meio negro ou da integração deficiente à vida urbana concorreram para agravar o peso destrutivo dessas desvantagens, aniquilando ou corroendo até as disposições individuais mais sólidas e honestas de projetar o homem de cor no aproveitamento das oportunidades em questão. (FERNANDES, 2008, p. 249).

Em países como o Brasil, em que sofremos com o resquício de um modo de vida cheio de hábitos pautados em um domínio econômico de uma maioria de pessoas brancas, ainda é comum que pessoas de pele preta, ou pessoas pardas, sofram racismo e sejam reconhecidos como algo corriqueiro e até mesmo naturalizado. Como encontramos na fala do Suj. 4: *“e dirigindo a outro com palavras racistas e dizendo que era brincadeira”*.

Como também nos afirma Florestan Fernandes,

Tomando-se a rede de relações raciais como ela se apresenta em nossos dias, poderia parecer que a desigualdade econômica, social e política existente entre o ‘negro’ e o ‘branco’, fosse fruto do preconceito de cor e da discriminação racial. A análise histórico-sociológica patenteia, porém, que esses mecanismos possuem outra função: a de manter a distância social e o padrão correspondente de isolamento sócio-cultural, conservados em bloco pela simples perpetuação indefinida de estruturas parciais arcaicas. Portanto, qualquer que venha a ser, posteriormente, a importância dinâmica do preconceito de cor e da discriminação racial, eles não criaram a realidade pungente que nos preocupa. Esta foi herdada, como parte de nossas dificuldades em superar os padrões de relações raciais inerentes à ordem social escravocrata e senhorial. (FERNANDES, 2008, p. 249).

Precisamos explicitar mais o racismo que ocorre sorrateiramente no cotidiano para entender que isso também é crime. Possivelmente, se tivéssemos tratado a questão racial na sociedade logo depois da abolição da escravidão como devesse não teríamos muitos supremacistas brancos chegando ao poder em uma democracia de modelo liberal como é a que temos no Brasil.

Entender o funcionamento de um complexo mecanismo de manutenção de privilégios que se tornou o liberalismo e o modo de produção capitalista é necessário como alternativa viável para o sistema, dado que ele tende a se desorganizar e se transformar em uma oligarquia. Essas questões culturais são relevantes para seguirmos estudando a história de vida e as biografias de sujeitos da modernidade ou pós-modernidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por esse estudo ter a finalidade de aprofundar processos ou fenômenos complexos, os métodos qualitativos se encaixaram bem no delineamento desse trabalho. A pesquisa qualitativa recorre a técnicas que a diferenciam, radicalmente, da pesquisa quantitativa. Os procedimentos do trabalho científico que nos guiou possibilitou propormos uma questão, colher dados para responder ao problema da pesquisa; tratarmos os dados, fazer a análise de discurso a fim de demonstrar como eles nos auxiliam na compreensão do objeto do estudo, a questão racial, que foi construído durante o trabalho a partir da revisão bibliográfica de autores consagrados na Sociologia, na Antropologia e na Filosofia.

O objetivo deste trabalho foi analisar a questão racial dos atletas negros brasileiros em lutas de alto nível. Para isso utilizamos como categorias de análise os aspectos socioeconômicos e culturais dos sujeitos, história de vida, questões raciais em competições nacionais e internacionais, racismo no esporte e conhecimentos dos movimentos e lutas sociais.

Após a análise dos dados podemos encontrar nos *Aspectos socioeconômicos e culturais*, entre os sujeitos é comum o fato de não terem a prática da modalidade como renda principal. 3 sujeitos iniciaram sua prática na cidade de São Luís – MA. Todos já praticaram judô e Jiu-

jitsu; 2 seguiram profissões relacionadas às lutas, são professores/ personal, um é administrador, e um é estudante de educação física.

Em relação a *História de vida*, os sujeitos iniciaram seu treinamento em escolas próximas de sua residência, no bairro onde moravam. 2, iniciaram seu treinamento de judô com o mesmo *Sensei*. O apoio dos pais é comum entre todos. As motivações pessoais nunca foram relacionadas com agressões sofridas. Nos incentivos é comum a dois informantes a motivação principal ser chegar no lugar mais alto no esporte. 2 deles nunca presenciaram violência doméstica/ escolar/ local, outros dois presenciaram violência doméstica/ escolar/ local.

Em *Racismo no esporte*, três informantes não tiveram episódios de racismo nos treinos. Um relembrou que já presenciou, mas eram raras as situações. Dois lembraram ocorrências de racismo na escolha das equipes na forma de tratamento discriminatório por parte de pessoas do local. Todos disseram não perceber o racismo em decisões da arbitragem. Dois não reconhecem que houve alguma forma de racismo dentro das equipes que já participaram.

Sobre o *Conhecimento da participação dos movimentos sociais*, todos foram enfáticos sobre ser muito importante os movimentos sociais para os esportes de lutas. Para três deles, os projetos sociais seriam uma forma de promover o esporte entre as pessoas pretas de periferia devido ao custo para os praticantes serem pouco acessíveis. Para dois, se reconhecer negro no Brasil traz uma consciência diferente, as crianças precisam de exemplos para seguir. Todos manifestaram acreditar que precisamos de mais investimentos para esses movimentos sociais.

Sobre a *Participação e resultados em competições nacionais e internacionais*, todos relataram ter o sonho de ser o melhor e chegar em competições de nível internacional para representar o Brasil nesses espaços como sendo a principal motivação para os êxitos que conseguiram. Na categoria Perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais, todos relataram não reconhecer formas diretas de racismo ou discriminação racial por parte dos atletas. Dois falaram que reconheceram práticas de discriminação racial de pessoas da torcida ou pessoas ligadas a organização dos torneios. Para um dos atletas, os competidores de países desenvolvidos ao perderem para atletas de países em desenvolvimento hostilizavam seus oponentes, com o uso de palavras ou gestos. Foi comum relatarem não ter feito registro de ocorrência por questões de injúria racial ou racismo.

Fazer esse estudo sobre a questão racial para atletas negros de alto nível nos fez entender que ainda precisamos nos ocupar mais com pesquisas sociais tanto em Educação Física como também na área de Educação e saúde. Escutar os sujeitos, compreender suas ontologias, saber mais sobre a cultura em torno dos esportes de lutas nos fez concluir que em nenhum momento de suas vidas e no seu cotidiano ser uma pessoa negra facilitou ou dificultou a prática dentro de sua modalidade. Até mesmo pela formação desses competidores dentro do Judô e do Jiu-jitsu brasileiro ser apoiada no respeito mútuo e no respeito as regras estabelecidas nos locais de treino que se reproduzem por eles em outros ambientes. Em relação a perspectiva de próximos estudos e pesquisas, o fato de não conseguirmos encontrar tantos atletas de lutas disponíveis a participar da pesquisa nos faz acreditar que é importante fazermos uma completa revisão nos estudos culturais voltados para as lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate. Podemos utilizar o que já iniciamos como ponto de partida e a metodologia da história de vida, ou até mesmo, da pesquisa narrativa ou biográficas para trabalhar o mesmo objeto de estudo que descrevemos neste trabalho.

7 REFERÊNCIAS

- A História do Racismo – documentário. Neabi – Unisinos Disponível em <<http://unisinos.br/blogs/neabi/2013/02/04/a-historia-do-racismo-documentario/>> Acesso em: 18 de agosto de 2021.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2006.
- BARROS, V. A. de, & Silva, L. (2004). A pesquisa em História de Vida. In I. B. Goulart (Org.). Psicologia Organizacional e do Trabalho (pp. 133-46). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BJJ HEROES, Fernando “Tererê” Jiu Jitsu. Disponível em <<https://www.bjjheroes.com/bjj-fighters/fernando-augusto-terere-bio>> . Acesso em 5 de Dezembro de 2022.
- BJJ HEROES, Alan Finfou Jiu Jitsu. Disponível em <<https://www.bjjheroes.com/bjj-fighters/alan-finfou-do-nascimento-wiki>> . Acesso em 5 de Dezembro de 2022.
- BUENO, Lucas. Surto Olímpico. O esporte na luta contra o racismo. Disponível em <<https://www.surtoolimpico.com.br/2020/05/o-esporte-na-luta-contr-o-racismo.html>>, 2020 Acesso em 29 nov. 2022.
- DESLAURIERS, Jean-Pierre *et al.* A Pesquisa Qualitativa Enfoques Epistemológicos e Metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DOMINGUES, Joelza Ester. Racismo: uma história (documentário em 3 episódios da BBC). Blog: Ensinar História Disponível em <<https://ensinarhistoria.com.br/racismo-uma-historia-documentario/>> Acesso em: 25 agosto de 2021.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília: UNB, 2016.
- FERNANDES, Florestan. Significado do protesto Negro. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Global, 2007.
- _____. A integração do negro na sociedade de classes Volume 1: (O legado da “raça branca”). Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 5ª edição, 2008.
- FERNANDES, Nayara. Rebeca Andrade, Tommie Smith e mais: 10 atletas negros que fizeram história nas Olimpíadas. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/31/rebeca-andrade-tommie-smith-e-mais-10-atletas-negros-que-fizeram-historia-nas-olimpiadas.ghtml>>. 31 de jul. 2021 Acesso em 05 Dez. 2022.
- FELET, João. Brasil Partido - Nem preto, nem branco: os dilemas de pardos que vivem em 'limbo racial'. 2022. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62812987>> Acesso em 26 de Julho de 2022.
- Freire, M.C.M.; Pattussi M.P. Tipos de estudos. IN: ESTRELA, C. Metodologia científica. Ciência, ensino e pesquisa. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018.

- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. A filosofia explica Bolsonaro. São Paulo: LeYa, 2019.
- GOLDENBERG, Mirian. A Arte de Pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- IBGE - COR OU RAÇA. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em 21 de setembro de 2021.
- JAKOBSON, Roman. LINGUÍSTICA E COMUNICAÇÃO. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- KERN, Gustavo da Silva. Teorizações eugenistas no Brasil: melhoramento racial, eutecnia e educação. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.
- LEITE, José Correia Leite. ... E disse o velho militante José Correia Leite. Organização e textos de Luiz Silva (Cuti). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- LOSURDO, Domenico. Contra-história do liberalismo. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.
- MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. Anos 90 v.7, n.11, 1999.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a Abolição. 2011. Ano 8. Edição 70. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28> Acesso em 30 de Julho de 2021.
- NONNENMACHER, Marisa Schneider. Tudo Começou em uma Madrugada/ Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora (1872-2015). Porto Alegre: Medianiz, 2015.
- NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 dez. 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOURA, Clóvis. Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas. 6. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.
- _____. ESCRAVISMO, COLONIALISMO, IMPERIALISMO E RACISMO. Afro-Ásia, 14, 1983.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. UFMG: Inclusão Social, 2003. disponível em: <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>> Acesso em: 09 de setembro de 2021.
- NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 5ª edição, 2003.

PEREIRA, Amílcar Araújo. “O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995) / Amílcar Araújo Pereira. – 2010.

PINTO, Regina Pahin. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. São Paulo, 1993.

RICHARDSON, Roberto J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSSI, Amanda. Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados. São Paulo: BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235> Acesso em 21 de Agosto de 2021.

SANTOS, Ale. Racismo disfarçado de ciência: como foi a eugenia no Brasil. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/racismo-disfarcado-de-ciencia-como-foi-a-eugenia-no-brasil/> Acesso em: 19 de agosto de 2021.

SOUSA, Neusa Santos, *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil –1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. Espetáculo da miscigenação. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 8, n. 20, p. 137-152, 1994. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9652>>. Acesso em: 30 agosto de 2021.

SÈVE, Lucien. Prezar a liberdade, defender a escravidão. *Le monde diplomatique*, Edição – 71. 3 de junho de 2013 disponível em <<https://diplomatie.org.br/prezar-a-liberdade-defender-a-escravidao/>> Acesso em 29 de setembro de 2021

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

WESTIN, Ricardo. Senador Abdias Nascimento, uma vida dedicada à luta contra o racismo. Agência Senado, Edição – 78. 7 de maio 2021 disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/senador-abdias-nascimento-uma-vida-dedicada-a-luta-contra-o-racismo>>. Acesso em 22 de setembro de 2021

8 APÊNDICES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Prezado (a) atleta: _____

O Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa sobre **A QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pelo Professor Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins e pelo discente Leonardo Ferreira da Silva que exerce o papel de pesquisador e autor da pesquisa, ambos pertencentes ao Departamento De Educação Física DEF/CCS/UFPB. Sua colaboração é muito importante.

O objetivo do estudo é analisar as questões raciais na história de vida e no cotidiano de atletas negros de alto nível de lutas no judô, jiu-jitsu e karatê dos brasileiros. A finalidade deste trabalho é compreender como se estabelecem as questões raciais na história e no cotidiano de atletas negros de alto nível no judô, jiu-jitsu e karatê dos brasileiros.

Solicitamos a sua colaboração para responder ao roteiro, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Entendemos que o roteiro proposto nesta pesquisa oferece riscos considerados mínimos à saúde e a integridade física e moral dos sujeitos investigados, e serão informados de que não sofrerão danos com a pesquisa e que os benefícios adquiridos com esta pesquisa serão esclarecidos à população estudada. Onde as coletas dos dados, serão realizadas em um ambiente salubre.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, gratuita e seu anonimato estarão garantidos. Portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo (a) Pesquisador (a). **Caso decida não participar**

do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação nas atividades que vem realizando na Instituição.

O aluno pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, **declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.**

Assinatura do Participante da Pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para:
Professor orientador: Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins
Telefone: (083) 996137666

Aluno pesquisador: Leonardo Ferreira da Silva.
Telefone: (083) 988856846

Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Centro de Ciências da Saúde – CCS,
Departamento de Educação Física – DEF. Cidade Universitária, CEP 58.059.900, João Pessoa,
Paraíba, Brasil. Telefone: (83) 3216-7030.

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal
da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB;
(83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA OS ATLETAS
DE LUTA**

O Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa sobre **QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pelo Professor Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins e pelo discente Leonardo Ferreira da Silva que exerce o papel de pesquisador e autor da pesquisa, ambos pertencentes ao DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DEF/CCS/UFPB. Sua colaboração é muito importante.

O objetivo do estudo é analisar as questões raciais na história de vida e no cotidiano de atletas negros de alto nível de lutas no judô jiu-jitsu e karatê dos brasileiros. A finalidade deste trabalho é compreender como se estabelecem as questões raciais na história e no cotidiano de atletas negros de alto nível no judô, jiu-jitsu e karatê dos brasileiros.

Nome: _____

Data de nascimento ____/____/_____. Data da aplicação ____/____/____.

1º. Categoria – Aspectos Socioeconômicos e Culturais

(Pode marcar mais de uma alternativa)

1. Idade: _____. 2. Sexo: _____. 3. Qual a sua etnia/raça/cor? _____

4. Qual o seu grau de instrução escolar?

5. Qual a sua renda familiar em SM?

6. A modalidade de luta que pratica é sua principal fonte de renda? () Sim () Não

7. Se negativo qual é a sua profissão principal?

8. Há quanto tempo se dedica às lutas _____ (anos).

9. Há quanto tempo participa da mesma equipe? _____ (anos).

10. Qual (ais) modalidade(s) que praticou de luta?

11. Onde se localiza o centro de treinamento em que pratica?

12. Já recebeu ou recebe algum tipo de auxílio ou remuneração para os seus treinamentos? ()

Sim () Não.

13. Se sim, qual valor é ou era recebido?

_____.

2º. Categoria - *História de vida*

14. Quanto Tempo de treino você tem?

15. Onde começou a treinar?

16. Qual (ais) os técnicos/professores/instrutores envolvidos no seu treinamento?

17. Quais as condições de treino do início até hoje?

18. Sobre suas histórias familiares, você recebeu apoio de parentes e amigos?

19. Quais suas motivações pessoais ocorridas na infância/juventude/ na forma de agressões?

20. Quais suas motivações pessoais ocorridas na infância/juventude/ na forma de Incentivos que o levou a treinar lutas?

21. Você conviveu com seus pais/parentes e presenciou violência doméstica/escolar/local de moradia?

3º. Categoria - *Racismo no esporte*

22. Você teve ocorrências pessoais de racismo em treinos? De que forma aconteceu? Ainda acontece? Com que frequência?

23. Você percebeu racismo na escolha de equipes para competições nacionais e/ou internacionais que participou?

24. Em algum momento o racismo foi percebido por você em decisões de arbitragem em competições?

25. Em algum momento teve a percepção de racismo intra-equipe?

4º. Categoria - *Percepção dos movimentos sociais como difusores da prática de lutas por pessoas negras*

26. Qual o seu entendimento da importância da gratuidade dos projetos sociais na inserção da população de pele negra nos esportes de lutas?

27. Qual a sua percepção da construção de consciência crítica na participação de projetos sociais em sua formação como atleta?

5º. Categoria - *Participação e resultados em competições nacionais e internacionais*

28. Qual a sua melhor marca no ranking das competições nacionais e internacionais?

29. Na sua opinião quais foram os motivos destes logros competitivos?

6º Categoria - *Perspectiva pessoal da presença do racismo em competições nacionais e internacionais*

30. Qual a sua percepção sobre o racismo nas competições nacionais e internacionais que você participou? Como aconteceu? Em que situações você a percebeu?

31. Já fez algum registro de ocorrência policial ou à órgão de arbitragem por racismo nos esportes de luta? () Sim () Não

32. Se sim como foi a recepção dessa denúncia pelo órgão que acatou?

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CARTA DE ANUÊNCIA PARA AS INSTITUIÇÕES
(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Aceito o professor pesquisador Dr. Marcello Fernando Bulhões Martins e o aluno pesquisador: Leonardo Ferreira da Silva, pertencentes ao DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DEF/CCS/UFPB a desenvolver sua pesquisa intitulada **QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS DE ALTO NÍVEL NO BRASIL**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil e ao comitê de ética em pesquisa.

Ciente dos objetivos, técnicas e métodos que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, e concedo a anuência desde que seja assegurado o que segue abaixo:

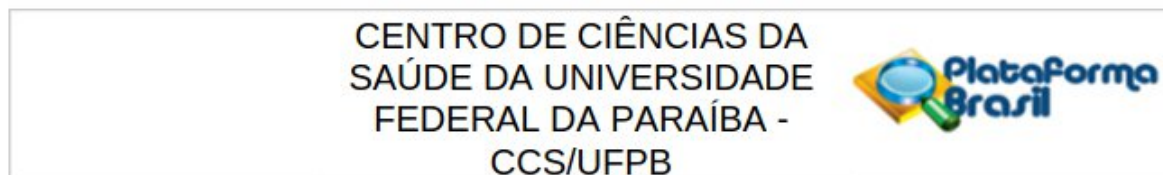
- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa; e
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

João Pessoa, ____/____/____.

Diretor(a) da instituição/órgão

9 ANEXOS

Comprovante de envio do projeto de pesquisa ao comitê de ética do Centro de ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS DE ALTO NÍVEL NO BRASIL

Pesquisador: Marcello Fernando Bulhões Martins

Versão: 1

CAAE: 54336321.8.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 145200/2021

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto A QUESTÃO RACIAL NA PRÁTICA DAS LUTAS EM ATLETAS NEGROS DE ALTO NÍVEL NO BRASIL que tem como pesquisador responsável Marcello Fernando Bulhões Martins, foi recebido para análise ética no CEP Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CCS/UFPB em 14/12/2021 às 11:33.

História do Judô

(Retirado do site da CBJ)

O estilo Takenouchi-ryu fundado em 1532 é considerado a origem do estilo Ju-Jutsu japonês. O judô é derivado do Ju-Jutsu, uma arte que serve tanto para atacar quanto para defender usando nada mais que o seu próprio corpo.

Criação do Judô e o Instituto Kodokan

Durante anos, o jovem Jigoro Kano se dedicou a fazer um estudo completo sobre as antigas formas de autodefesa e, procurando encontrar explicações científicas aos golpes, baseadas em leis de dinâmica, ação e reação, selecionou e classificou as melhores técnicas dos vários sistemas de Ju-jutsu em um novo estilo chamado de Judô, ou "caminho suave" - Ju (suave) e Do (caminho ou via).

Em 1882, o mestre Kano fundou o Instituto Kodokan. O termo Kodokan se decompõe em ko (palestra, estudo, método), do (caminho ou via) e kan (Instituto). Assim, significa "um lugar para estudar o caminho", o que explica muito bem a intenção do fundador da arte. Além de tornar o ensino da arte marcial como um esporte, Jigoro Kano desenvolveu uma linha filosófica baseada no conceito ippon-shobu (luta pelo ponto perfeito) e um código moral. Assim, ele pretendeu que a prática do Judô fortalecesse o físico, a mente e o espírito de forma integrada. Com seu trabalho, Jigoro Kano conseguiu criar uma modalidade que não se restringe a homens com vigor físico, se estendendo a mulheres, crianças e idosos, de qualquer altura e peso.

Código Moral

Visando fortalecer o caráter filosófico da prática do judô e fazer com que os praticantes do judô crescessem como pessoas, o mestre Jigoro Kano idealizou um código moral baseado em oito princípios básicos:

- Cortesia, para ser educado no trato com os outros;
- Coragem, para enfrentar as dificuldades com bravura;
- Honestidade, para ser verdadeiro em seus pensamentos e ações;
- Honra, para fazer o que é certo e se manter de acordo com seus princípios;
- Modéstia, para não agir e pensar de maneira egoísta;
- Respeito, para conviver harmoniosamente com os outros;
- Autocontrole, para estar no comando das suas emoções;
- Amizade, para ser um bom companheiro e amigo.

Esporte olímpico

Prosseguindo com a organização da Kodokan e buscando aprovar os regulamentos do Judô, Mestre Kano tornou-se o primeiro membro asiático do Comitê Olímpico Internacional em 1909 e trabalhou para a propagação do esporte no mundo todo. O Judô passou a fazer parte do programa olímpico oficialmente nos Jogos de Tóquio em 1964.

Jigoro Kano Ao longo de sua vida, Jigoro Kano alcançou o doutorado em Judô, uma graduação equivalente ao 12º Dan, honraria concedida apenas ao criador do esporte. Ele trabalhou constantemente para garantir o desenvolvimento do atletismo e do esporte japonês de uma maneira em geral e, como resultado de seus esforços, muitas vezes é chamado de "Pai dos Esportes Japoneses". Em 1935, ele foi premiado com o prêmio Asahi por sua excepcional contribuição para a organização do esporte no Japão durante sua vida.

A introdução do Judô no Brasil*

A imigração japonesa foi o fator mais importante para o surgimento do judô no Brasil. A influência exercida por lutadores profissionais representantes de diversas escolas de ju-jitsu japonês também contribuiu para o desenvolvimento do judô. O início do judô no Brasil ocorreu sem instituições organizadoras. Apenas na década de 1920 e início dos anos 1930 chegaram ao Brasil os imigrantes que conseguiram organizar as práticas do judô e kendô no país. Em São Paulo, destaque para Tatsuo Okoshi (1924), Katsutoshi Naito (1929), Tokuzo Terazaki (1929 em Belém e 1933 em São Paulo), Yassuishi Ono (1928), Sobei Tani (1931) e Ryuzo Ogawa (1934). Takaji Saigo e Geo Omori, ambos com vínculo na Kodokan, chegaram a abrir academias em São Paulo na década de 1920, porém, essa atividade não teve continuidade. Na década de 1930 Omori foi instrutor na Associação Cristã de Moços no Rio de Janeiro e, posteriormente, se radicou em Minas Gerais. No norte do Paraná, nas cidades de Assaí, Uraí e Londrina, o judô deu seus primeiros passos com Sadai Ishihara (1932) e Shunzo Shimada (1935). Os primeiros professores a chegarem ao Rio de Janeiro, foram Masami Ogino (1934), Takeo Yano (1931), Yoshimasa Nagashima (1935-6 em São Paulo e 1950 no Rio de Janeiro) e Geo Omori, vindo de São Paulo (1930 aproximadamente). A chegada dos primeiros professores-lutadores também deixou o seu legado. Dentre os pioneiros se destacaram, Mitsuyo Maeda e Soishiro (Shinjiro) Satake, alunos de Jigoro Kano. Eisei Mitsuyo Maeda, também chamado Conde Koma, chegou ao Brasil em 14 de novembro de 1914, entrando no país por Porto Alegre. Junto com ele chegaram Satake, Laku, Okura e Shimisu. Em 18 de dezembro de 1915 a trupe de lutadores chegou a Manaus, mas antes disso rodou o Brasil em demonstrações e desafios. Conde Koma se radicou em Belém do Pará, em 1921, enquanto Satake ficou em Manaus, onde ministrava aulas no Bairro da Cachoeirinha ainda na década de 20. Maeda fundou

sua primeira academia de judô no Brasil no Clube do Remo, bairro da cidade velha. A contribuição dos imigrantes japoneses que divulgaram o judô parece ter sido mais importante do que a contribuição de Conde Koma, e seus companheiros lutadores. Da chegada do Kasato Maru ao Brasil (1908) até a Segunda Guerra Mundial, os nomes e as práticas se confundiam. Encontra-se na literatura judô, jiu-do, jujutsu, jiu-jitsu e ainda jiu-jitsu Kano, muitas vezes para designar a mesma prática. A institucionalização do esporte, inicialmente organizada pela colônia japonesa, depois sob o controle da Confederação Brasileira de Pugilismo e finalmente a criação da Confederação Brasileira de Judô foram os passos para a diferenciação das práticas de luta e a organização do judô no país.

A Criação da Confederação Brasileira de Judô

A primeira instituição a ‘coordenar’ o desenvolvimento do judô kodokan no Brasil foi a Ju-kendo-Renmei a partir de 1933 em São Paulo e 1937 no Paraná. A partir do ingresso do judô como modalidade olímpica nos Jogos de Tokyo em 1964, passaram-se a se organizar as instituições federativas do judô brasileiro. A Confederação Brasileira de Judô foi fundada em 18 de março de 1969, sendo reconhecida em 1972, quando o Brasil conquistou a primeira medalha olímpica. A partir de 1984 o país estabeleceu uma tradição vitoriosa em Jogos Olímpicos, conquistando medalhas em todas as edições. Com federações nos 27 estados e mais de um milhão de praticantes, o judô assumiu, em 2012, a posição de esporte brasileiro com maior número de medalhas em edições dos jogos olímpicos. Além da tradição vitoriosa a CBJ possui uma estrutura moderna e organizada, proporcionando a seus atletas, treinadores e demais membros das comissões técnicas uma excelente estrutura de treinamentos e competições. Desta forma captou grande número de apoiadores e patrocinadores, já que sua marca é confiável e vitoriosa. O Campeonato Mundial de Judô foi realizado no Brasil em 1965, 2007 e 2013.

Relação de Presidentes da CBJ

1969-1979 -Augusto de Oliveira Cordeiro

1980-1981 -Miguel Martins Fernandez

1982-1984 -Sérgio Adib Bahi

1985-1990 -Joaquim Mamede de Carvalho e Silva

1991-2000 -Joaquim Mamede de Carvalho e Silva Júnior

2001- 2017 - Paulo Wanderley Teixeira 2017

- Atualmente - Silvio Acácio Borges

(Atualmente os mandatos da CBJ são de 04 anos, porém já ocorreram mandatos de 2 e 3 anos no período de 1969 a 1990.)

*Texto do professor Alexandre Velly Nunes.

A HISTÓRIA DO JIU-JITSU

Retirado do site da revista Gracie Magazine

Arte Suave

O Jiu-Jitsu brasileiro ou, lá fora, o Brazilian Jiu-Jitsu ou BJJ (grafado também como jujitsu ou ju-jutsu) é uma arte marcial de raiz japonesa que se utiliza essencialmente de golpes de alavancas, torções e pressões para levar um oponente ao chão e dominá-lo. Literalmente, jū em japonês significa “suavidade”, “brandura”, e jutsu, “arte”, “técnica”. Daí seu sinônimo literal, “arte suave”.

Sua origem secular, como sucede com quase todas as artes marciais ancestrais, não pode ser apontada com precisão. Estilos de luta parecidos foram verificados em diversos povos, da Índia à China, nos séculos III e VIII. O que se sabe é que seu ambiente de desenvolvimento e refinamento foram as escolas de samurais, a casta guerreira do Japão feudal.

A finalidade de sua criação se deu pelo fato de que, no campo de batalha ou durante qualquer enfrentamento, um samurai poderia acabar sem suas espadas ou lanças, necessitando, então, de um método de defesa sem armas. Como os golpes traumáticos não se mostravam suficientes nesse ambiente de luta, já que os samurais vestiam armaduras, as quedas e torções começaram a ganhar espaço pela sua eficiência. O Jiu-Jitsu, assim, nascia de sua contraposição ao kenjitsu e outras artes ditas rígidas, em que os combatentes portavam espadas ou outras armas.

A arte marcial ganhou novos rumos quando um célebre instrutor da escola japonesa Kodokan decidiu ganhar o mundo e provar a eficiência de seus estrangulamentos e chaves de braço contra oponentes de todos os tamanhos e estilos: Mitsuyo Maeda, um filho de lutador de sumô nascido no povoado de Funazawa, cidade de Hirosaki, Aomori, no Japão, em 18 de novembro de 1878, e falecido em Belém do Pará a 28 de novembro de 1941.

Eterno defensor das técnicas de defesa pessoal do Jiu-Jitsu, Maeda embarcou para os Estados Unidos em 1904, em companhia de outros professores da escola de Jigoro Kano. À época, graças aos laços políticos e econômicos entre Japão e EUA, as técnicas japonesas encontravam

grandes e notórios admiradores em solo americano. Em 1904, por exemplo, o presidente Theodore Roosevelt tomara aulas com o japonês Yoshitsugu Yamashita.

Nos EUA, o ágil japonês começou a colecionar milhares de combates e adversários tombados pelo caminho, em países como a Inglaterra, Bélgica e Espanha, onde sua postura nobre fez nascer o apelido que o consagrou, Conde Koma. De volta à América, o lutador fez diversas apresentações e desafios em países como El Salvador, Costa Rica, Honduras, Panamá, Colômbia, Equador, Peru, Chile e Argentina. Em julho de 1914, o valente japonês de 1,64m e 68kg, segundo consta, desembarcaria no Brasil para fincar raízes e mudar a história do esporte.

O Jiu-Jitsu em jornal brasileiro de 1906.

Maeda colecionaria histórias saborosas em terras brasileiras. Após rodar pelo país, o faixa-preta de Jiu-Jitsu se estabeleceu em Belém do Pará. Certo dia, encarou o desafio de um capoeirista conhecido como “Pé de Bola”, de cerca de 1,90m e quase cem quilos. Maeda não se fez de rogado e ainda deixou o ousado rival portar uma faca na luta. O japonês desarmou-o, derrubou e finalizou o brasileiro. Conde Koma, como se tornou tradição entre os professores de Jiu-Jitsu, também lançava desafios para rivais famosos do boxe. Foi o que fez com o afamado boxeador americano Jack Johnson, que jamais aceitou a luta.

Foi Koma, ainda, que promoveu o primeiro campeonato de Jiu-Jitsu do país – na verdade, um festival de lutas e desafios para promover o esporte desconhecido.

Os pesquisadores Luiz Otávio Laydner e Fabio Quio Takao encontraram, na Gazeta de Notícias, de 11 de março de 1915, as regras do evento marcado para o teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro, então capital do país. Koma anunciava as primeiras regras do nosso Jiu-Jitsu, um regulamento com dez leis simples:

1. Todo lutador deverá se apresentar decentemente, com as unhas das mãos e dos pés perfeitamente cortadas;
2. Deverá usar traje kimono, que o Conde Koma lhe facilitará;
3. Não é permitido morder, arranhar, pegar com a cabeça ou com o punho;
4. Quando se fizer uso do pé nunca se fará com a ponta e sim com a curva;

5. Não se considera vencido o que tenha as espáduas [costas] em terra ainda que tenha caído primeiro;
6. O que se considera vencido o demonstrará dando três palmadas sobre o acolchoado ou sobre o corpo do adversário;
7. O juiz considerará vencido o que por efeito da luta não se recorde que deve dar três palmadas;
8. As lutas se dividirão em rounds ou encontros de cinco minutos por dois de descanso. Tendo o juiz de campo que contar os minutos em voz alta para maior compreensão do público;
9. Se os lutadores caírem fora do tapete, sem que nenhum deles tenha avisado, o Sr. Juiz deve obrigá-los a colocar-se de novo no centro do acolchoado, em pé, frente a frente;
10. Substituirão em suas obrigações ao sr. Juiz os srs. Jurados. Nem a empresa nem o lutador que vencer é responsável pelo maior mal que possa sobrevir ao vencido, se por tenacidade não quiser dar o sinal convencionado para terminar a luta e declarar-se vencido.

* Ficam convidados os doutores em medicina, os representantes da imprensa local e os professores de física e esgrima que se encontrarem no recinto a tomar parte no júri.

Em 1917, um adolescente de nome Carlos Gracie (1902–1994) viu pela primeira vez, em Belém, uma apresentação do japonês que era capaz de dominar e finalizar os gigantes da região. Amigo de seu pai, Gastão Gracie, Maeda concordou em ensinar ao garoto irrequieto a arte de se defender. Em suas aulas, ensinava a Carlos e a outros brasileiros – como Luiz França, que mais tarde seria mestre de Oswaldo Fadda – os conceitos de sua arte: em pé ou no chão, a força do oponente deveria ser a arma para a vitória; para se aproximar do adversário, o uso de chutes baixos e cotoveladas deveriam ser os artifícios antes de levá-lo para o chão. Para evolução nos treinos, lançava mão do randori, o treino à vera com um companheiro.

Aluno fiel, Carlos Gracie abraçou de vez o Jiu-Jitsu e, para lamento da mãe que sonhava ver mais diplomatas na família célebre, passou a incutir nos irmãos o amor pela arte. Um de oito irmãos (Oswaldo, Gastão Jr., George, Helena, Helio, Mary e Ilka), Carlos abriu, em 1925, a primeira academia de Jiu-Jitsu da família Gracie. Nos jornais, o anúncio era uma obra-prima do marketing: “Se você quer ter um braço quebrado procure a academia Gracie”.

O grande mestre teria 21 filhos, sendo que 13 deles se tornariam faixas-pretas. Cada membro da família passou, então, a fortalecer a arte e a acrescentar mais um elo à corrente criada por

grande mestre Carlos, fundador e guia do clã, além do primeiro membro da família a se lançar numa luta sem regras, a que chamou de “vale-tudo”. Foi em 1924, no Rio de Janeiro, quando Carlos Gracie enfrentou o estivador Samuel, conhecido atleta da capoeira.

Helio Gracie tornou-se, rapidamente, o destaque entre os irmãos, pelas inovações técnicas que promoveu como instrutor e pelo espírito indomável que não combinava com o porte franzino. Em consonância com as táticas de Conde Koma, os Gracie continuaram, no Rio de Janeiro, os desafios a capoeiristas, estivadores e valentões de todas as origens e tamanhos. Se em pé tais brutamontes botavam medo, no chão viravam presa fácil para os botes e estrangulamentos que os capturavam como mágica.

As vitórias da família em lutas sem regras foram se acumulando e virando lendas e manchetes nas primeiras páginas. Os alunos famosos também – artistas, arquitetos, ministros de estado, prefeitos, governadores, cirurgiões e doutores de todos os ofícios.

Além dos desafios, os campeonatos entre praticantes, com regras exclusivas do Jiu-Jitsu, se fortaleciam, abastecidos por dezenas de academias diferentes. Nos anos 1960, quando Carlson Gracie já pegara o bastão de seu tio Helio como linha de frente do clã no vale-tudo, um passo importante foi dado para a consolidação do Jiu-Jitsu esportivo. Em 1967, a Federação de Jiu-Jitsu da Guanabara, no Rio de Janeiro, foi criada, sob autorização da Confederação Nacional de Desportos do país. Entre as regras ainda primitivas, manobras como queda, montada de frente com dois joelhos no chão e pegada pelas costas rendiam um ponto ao competidor. A duração dos combates na categoria adulta era de cinco minutos, com prorrogação de três. O Jiu-Jitsu ganhava oficialmente tempo e pontuações.

O presidente da Federação era Helio Gracie, e o presidente do Conselho Consultivo era Carlos. Seu primogênito, Carlson, era o diretor do departamento técnico. O primeiro vice técnico era Oswaldo Fadda e o segundo, Orlando Barradas – ambos professores de Jiu-Jitsu. João Alberto Barreto, notável aluno dos Gracie, foi nomeado diretor do departamento de ensino, que tinha como vice-diretor um irmão de Carlson, Robson Gracie – todos hoje grandes mestres da arte.

Nos anos 1990, a arte teve um novo boom. Em duas frentes: criado por Rorion Gracie em 1993, o Ultimate Fighting Championship deu o pontapé inicial (no queixo) no esporte midiático

conhecido hoje como MMA. A partir do ídolo Royce Gracie, e com o suor derramado por irmãos e primos aparentemente invencíveis como Rickson, Renzo, Ralph, Royler, Ryan, Carley e companhia, o Jiu-Jitsu como arma de defesa pessoal estava consagrado.

Em outra frente, Carlos Gracie Jr. seguiu a obra do pai na organização dos campeonatos e no fortalecimento da arte como esporte regulado. Estava criada, assim, em 1994, a Federação Internacional de Jiu-Jitsu, assim como a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu, filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro, que hoje promovem torneios para mais de 3 mil atletas de mais de 50 países, como o Campeonato Mundial, realizado anualmente desde 1996.

Um século depois de Conde Koma desembarcar no Brasil, nosso Jiu-Jitsu hoje pode ser praticado do Alasca à Mongólia, de Abu Dhabi ao Japão.

O resto da história continua a ser escrita por cada faixa-branca que ingressa numa academia de Jiu-Jitsu.